



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS LIBRAS  
GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS – BACHARELADO

Thuanny Sá Galdino

**Interpretação Intermodal Remota:**

Configurações e desafios atuais para intérpretes de línguas de sinais

Florianópolis

2021

Thuanny Sá Galdino

**Interpretação Intermodal Remota:**

Configurações e desafios atuais para intérpretes de línguas de sinais

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Letras Libras do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras Libras.

**Orientador:** Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Galdino, Thuanny Sá  
Interpretação Intermodal Remota: : Configurações e  
desafios atuais para intérpretes de línguas de sinais /  
Thuanny Sá Galdino ; orientador, Prof. Dr. Carlos Henrique  
Rodrigues, 2021.  
88 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,  
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Interpretação Libras Português. 3.  
Interpretação Remota.. 4. Interpretação Online. 5. Estudos  
da Tradução e da Interpretação. I. Rodrigues, Prof. Dr.  
Carlos Henrique. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Letras LIBRAS. III. Título.

Thuanny Sá Galdino

**Interpretação Intermodal Remota: configurações e desafios atuais para intérpretes de línguas de sinais**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de graduada e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharel em Letras Libras.

Florianópolis, 19 de fevereiro de 2021.

---

Profa. Dra. Débora Campos Wanderley  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues  
Orientador

---

Profa. Dra. Janine Soares de Oliveira  
Avaliadora – UFSC

---

Prof. Me. Warley Martins dos Santos  
Avaliador – PGET UFSC

---

Prof. Me. Fernando de Carvalho Parente Júnior  
Avaliador – UFSC

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que surgiram em minha vida e me ajudaram a descobrir o caminho a seguir e não me deixaram desistir.

## AGRADECIMENTOS

Devo os meus agradecimentos a tantas pessoas que surgiram e estiveram em minha vida e me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço, inicialmente, aos Surdos que abriram a porta para o universo da língua de sinais e sempre me ensinaram e incentivaram. Em especial, a Miriam, que veio comigo para Florianópolis, me auxiliando na vinda e permanência, sem você eu não teria conseguido. Obrigado por todos os outros ensinamentos e aventuras enquanto moramos juntas.

Agradeço a minha irmã, Thaynná, que sempre me encorajou e acreditou no meu potencial e sempre esteve ao meu lado, amo você.

Agradeço aos amigos que tive a chance de fazer ao ingressar no Letras Libras, aos que me acolheram de forma muito especial quando eu ainda era apenas uma garota impulsiva, imatura e que não sabia o que buscava.

Ingracia, que me acolheu como mãe, me desafiou várias vezes e me deu inúmeras oportunidades nas quais eu desenvolvi habilidades que foram determinantes para a minha carreira enquanto intérprete de Libras, além de me dar suporte sempre que precisei e por todos os seus ensinamentos que levarei para a vida.

Mairla, sempre com muito amor e paciência, me ajudou a encontrar respostas sobre quem eu era e a entender e lidar com os meus monstros interiores.

Alessandra, que se tornou uma querida amiga pessoal e me encorajou e oportunizou experiências e trabalhos que jamais imaginei. Toda a segurança que tenho hoje é devido aos seus incentivos.

Barbara, que desde muito cedo esteve comigo e acreditou no meu potencial, sendo responsável por me inserir no mundo do empreendedorismo, este que foi determinante na minha trajetória como intérprete; além de sua fiel amizade, estava ciente das minhas autossabotagens e mesmo assim investiu em mim e me fez acreditar que era possível.

André, meu Khorosho, que me acompanha desde 2010 como um anjo da guarda, quando ainda nem sabíamos o que seríamos e só nos importava jogar on-line e conversar. Você esteve comigo durante todo esse tempo e nunca desistiu de mim. Eu jamais terei palavras para expressar tudo que sinto.

Camila, minha companheira, que me notou em meio a tantos, se aproximou de mansinho e preencheu todo espaço do meu coração, me ajudou a passar por momentos difíceis e, inclusive, por disciplinas, estas que eu já havia desistido e, mais do que isso, mostrou que os momentos bons superam qualquer coisa. Alguém que constantemente tem me ensinado a ser uma pessoa melhor e que me faz acreditar que juntas, conquistaremos o mundo!

Carlos Rodrigues, o meu querido orientador e professor, este que teve toda a paciência do mundo com o meu processo, me apoiou, me incentivou, me mostrou diversas possibilidades e me guiou até a conclusão deste trabalho. Sem você nada disso seria possível.

Agradeço a todos os professores que tive a honra de ter no Letras Libras, muitos que são referências e inspirações, por todo o ensinamento, paciência e pelas experiências que me proporcionaram durante esses longos anos.

Agradeço aos profissionais tradutores e intérpretes de línguas de sinais que tive a oportunidade de atuar junto em algum momento, que foram colegas, mentores, referências. Este trabalho é para vocês.

*A sós, ninguém está sozinho. É  
caminhando que se faz o caminho.*  
(Titãs)



## RESUMO

Neste trabalho, apresenta-se um estudo de caso que descreve e categoriza as atividades interpretativas que ocorreram no Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina — PET Letras UFSC — no contexto da pandemia da COVID-19. Considerando-se que, abruptamente, as atividades desenvolvidas pelo Programa passaram a ser oferecidas de forma remota, contando com a interpretação simultânea remota Libras-português, descreveu-se e se analisou a prática interpretativa simultânea intermodal operacionalizada on-line por meio da plataforma de conferência web da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). A pesquisa foi feita a partir da análise dos vídeos disponíveis na página do PET-Letras UFSC, os quais registram as atividades on-line em questão, bem como a partir das experiências vivenciadas pela pesquisadora e de suas notas pessoais sobre tais atividades interpretativas. A importância da pesquisa justifica-se pelas circunstâncias em que atualmente vivemos, nas quais se torna imprescindível a discussão sobre as características da virtualização das atividades e, por sua vez, da demanda pela interpretação remota. Nesse sentido, o objetivo foi investigar tal modalidade de interpretação que ocorre em um contexto remoto para compreender como se dá a interpretação remota envolvendo línguas de sinais, bem como suas possibilidades, variações e modos, a partir da reflexão sobre uma experiência atual de interpretação. Assim sendo, percebeu-se que essa pesquisa contribui com o campo dos Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais ao trazer uma reflexão sobre os desafios pessoais e profissionais enfrentados diante da interpretação remota de/para línguas de sinais. Por fim, conclui-se que são necessários conhecimentos e competências distintas das requeridas na atuação presencial para lidar com esta nova modalidade, a interpretação remota, e, também, que este novo cenário requer atuações e posturas diferenciadas frente interpretação em tela.

**Palavras-chaves:** Interpretação Libras Português. Interpretação Remota. Interpretação Online. Estudos da Tradução e da Interpretação.


## ABSTRACT

This work is dedicated to a case study that describes and categorizes the interpretative activities that occurred in the Tutorial Education Program – PET-Letras UFSC in the context of a pandemic, since, due to the covid-19, the responsibilities abruptly became offered remotely. Thus, it is necessary to reflect on how to exercise interpretive practice in order to reduce the impact of this context on the audience. The research was based on the analysis of the videos available on UFSC's website, PET's page. This research is highly relevant because in the circumstances in which we live, it is essential to discuss the characteristics of the virtual environment and in this specific case, there is also the report of an unprecedented experience as a graduate student and researcher. The general objective is to describe the characteristics of intermodal translation competence in the performance of PET-Letras UFSC web conferences, seeking to understand remote interpretation involving sign languages, their possibilities, variations and modes, based on a current experience of remote intermodal interpretation. The questions that led the research are the following: What are the challenges in remote interpretation? What resources are used to translate video conferences? What equipment is part of this new reality? How do the terminology choices and combinations take place remotely? The intention is to collaborate with the Remote Interpretation Studies line, bringing the challenges faced from a professional and human perspective. Therefore, it should be noted that this research contributes to the field of Sign Language Interpretation Studies by bringing a reflection on the personal and professional challenges faced in the remote interpretation of / for sign languages. Finally, it concludes that knowledge and skills are provided that are different from those required in person to operate in this new modality, remote interpretation, and also that this new scenario requires different actions and attitudes in face of this screen format.


**Keywords:** Interpretation Brazilian Sing Language- Libras / Portuguese. Remote Interpretation. Online Interpretation. Translation and interpretation studies.

## RESUMO EM LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso: Bacharelado em Letras Libras 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

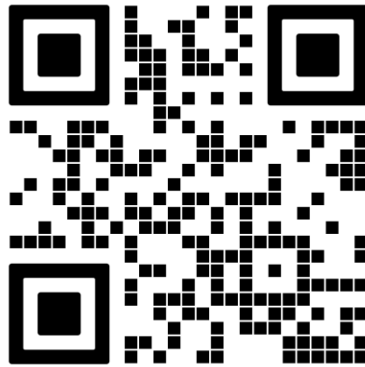


### RESUMO:

Interpretação Intermodal Remota:  
configurações e desafios atuais  
para intérpretes de línguas de sinais

Thuanny Sá Galdino  
Orientador: Prof. Dr. Carlos  
Henrique Rodrigues

Link: <https://youtu.be/dBwY7vnaQhA>



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Diferença entre tradução e interpretação, segundo Pereira (2008).....	17
Figura 2-Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais. ....	23
Figura 3- Processos Intermodais.....	24
Figura 4- Processos Intramodais.....	24
Figura 5-Tela inicial de ingresso à sala de reuniões RNP.....	48
Figura 6- Configurações de microfone/áudio na sala de reuniões RNP. ....	49
Figura 7-Layout de elementos na sala de reuniões RNP.....	50
Figura 8 - Layout da tela fixada na plataforma RNP. ....	50
Figura 9- Local de trabalho remoto. ....	59

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistematização da St. Jerome.....	19
Quadro 2 - Diferenças entre línguas orais e de sinais. ....	22
Quadro 3 - Diferenças entre interpretação comunitária e de conferências. ....	29
Quadro 4 - Características da interpretação remota em relação à direcionalidade. ....	42
Quadro 5 - Conhecimentos e habilidades para atuação remota. ....	44
Quadro 6 - Funções das plataformas de transmissão. ....	47
Quadro 7 - Características da pesquisa qualitativa .....	53
Quadro 8 - Características do estudo de caso.....	54
Quadro 9 - Descrições acerca dos encontros online do PET-Letras.....	56
Quadro 10 -Especificações técnicas dos equipamentos.....	60
Quadro 11 - Especificidades da atuação intermodal remota .....	63

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PET	Programa de Educação Tutorial
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
TILSP	Tradutor e Intérprete de Libras-Português
TILS	Tradutor e Intérprete de Línguas de Sinais
Febrapils	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
CAFe	Comunidade Acadêmica Federada
CTP	Capacidade Total de Processamento
CDP	Capacidade Disponível de Processamento
Covid-19	Coronavírus disease 2019
NBR	Normas Técnicas Brasileiras
PC	Personal Computer
ET	Estudos da Tradução
EI	Estudos da Interpretação
ETILS	Estudos da tradução e Interpretação de Línguas de Sinais
Acatils	Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2 PANORAMA GERAL: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO</b> .....	<b>17</b>
2.1 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E OS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO .....	17
2.2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS .....	22
2.3 AS MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO .....	25
2.4 OS CONTEXTOS DE INTERPRETAÇÃO .....	28
<b>3 TRADUÇÃO E TECNOLOGIA: O QUE É INTERPRETAÇÃO REMOTA?</b> .....	<b>30</b>
3.1 O SURGIMENTO DA INTERPRETAÇÃO REMOTA .....	34
3.2 TIPOS DE INTERPRETAÇÃO REMOTA .....	35
<b>4 INTERPRETAÇÃO REMOTA E LÍNGUAS DE SINAIS</b> .....	<b>37</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DE INTERPRETAÇÃO DE/ENTRE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS .....	39
4.2 INTERPRETAÇÃO INTERMODAL E TECNOLOGIA .....	43
4.3 A PLATAFORMA DE WEB CONFERÊNCIA USADA PELO PET-LETRAS .....	48
<b>5 ANALISANDO UMA EXPERIÊNCIA ATUAL DE INTERPRETAÇÃO INTERMODAL REMOTA</b> .....	<b>52</b>
5.1 A CONFIGURAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERPRETAÇÃO REMOTA .....	58
5.2 OS MODOS DE OFERECIMENTO DO SERVIÇO REMOTO E AS COMPETÊNCIAS REQUERIDAS .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>71</b>
<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>75</b>
<b>APÊNDICE B</b> .....	<b>76</b>
<b>ANEXO A – Nota Técnica</b> .....	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos uma era em que a tecnologia digital avança de forma constante e, cada vez mais, intensa. As competências e habilidades requeridas no passado não são as mesmas de hoje e não serão as mesmas do futuro. Mudanças tecnológicas ocorrem rapidamente e nem sempre os consumidores e profissionais conseguem acompanhar com a mesma velocidade essas constantes evoluções. Desta forma, é necessário desenvolver algumas competências gerais, tal como a flexibilidade para aceitar as novidades, já que as mudanças decorrentes dos avanços tecnológicos impactam diretamente as condições do ofício e o modo como os serviços são realizados e oferecidos.

Quando pensamos em tecnologias no ramo da comunicação e informação, inclusive aquelas para a interação virtual à distância, encontramos inúmeras possibilidades. Em suma, diversas delas são oferecidas de forma gratuita e com alta qualidade. Entretanto, para que elas possam funcionar bem, faz-se necessária uma adaptação e ainda atenção a diversos novos fatores, tais como: os tipos de banda larga e velocidades de conexão à internet; as formas como estas conexões são disponibilizadas no cotidiano; as máquinas que utilizamos e, inclusive, se possuem recursos que sejam avançados o bastante para possibilitar as novas formas de comunicação entre duas ou várias pessoas simultaneamente.

Estes novos modelos de trabalho são resultados, também, da transformação digital. Termo cada vez mais recorrente, que denomina o processo mundial de adaptação tecnológica, o qual tem sido intensificado e pressionado pela crise do novo Coronavírus, no ano de 2020. O surgimento da Covid-19 forçou milhões de pessoas ao redor do globo a se adaptarem a novos estilos de vida. Empresas gigantescas e pioneiras no mercado de trabalho precisaram se reinventar para se manter ativas, priorizando a segurança de todos os envolvidos e as determinações legais dos governos.

Considerando isso, esta pesquisa foi concebida e realizada através da abordagem qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994), como estudo de caso (GIL, 2002), e teve como objetivo: analisar os desafios e as possibilidades na interpretação remota, tomando como referência as atividades realizadas no Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, PET-Letras UFSC. Para tanto, a pesquisa partiu de duas questões centrais: (i) quais os conhecimentos e as habilidades se fazem necessários para interpretação remota; e (ii) quais as implicações desse contexto virtual para a atuação de intérpretes de Libras-português?



Portanto, nesta pesquisa, descreveu-se e se analisou a prática interpretativa simultânea intermodal no âmbito do PET-Letras UFSC, a qual foi operacionalizada on-line por meio da plataforma de conferência web da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). Para tanto, procedeu-se a seleção e, por sua vez, análise dos vídeos disponíveis na página do PET-Letras UFSC, os quais registram as atividades on-line em questão. Além disso, consideraram-se as experiências vivenciadas pela pesquisadora, autora deste trabalho, bem como suas notas pessoais sobre tais atividades interpretativas. Com isso, buscou-se identificar os conhecimentos e habilidades requeridas na atuação remota, investigando-se as estratégias de atuação, a equipe de interpretação e os equipamentos tecnológicos (*software e hardware*) empregados.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. No segundo capítulo, apresenta-se uma visão atual, um panorama geral da área da tradução e da interpretação (VASCONCELLOS, 2010; ROMÃO, 1998; PAGURA, 2003; RODRIGUES e SANTOS, 2018; RODRIGUES e BEER, 2015) e se caracterizam às modalidades de interpretação (PAGURA, 2003, 2010, 2015; CAVALLO, 2019; JIMENEZ, 1999; WEBER, 2008; SAMPAIO, 2017). Em continuidade, menciona-se os contextos de atuação (PÖCHHACKER, 2010; RODRIGUES, 2010).

Já no terceiro capítulo, é apresentado o conceito de interpretação remota, referindo-se à tecnologia e às questões inerentes ao intérprete em relação ao preparo técnico e psicológico (DIRIKER, 2015; FEBRAPILS, 2020; MALMKJER, 2018; BRAUN, 2015; MOUZOURAKIS, 2006; FURTADO, 2014; SEEBER, 2015). Discorre-se sobre o surgimento da interpretação remota, que inicialmente era feita através de ligações telefônicas, contando-se um pouco de sua história e da ascensão das tecnologias que a viabilizaram inclusive por meio do uso de vídeo (FURTADO, 2014).

O quarto capítulo trata da interpretação remota envolvendo línguas de sinais; abordam-se os aplicativos mais usados, instruções para se obter um resultado de qualidade atuando em *home-office* etc. Nessa perspectiva, discutem-se o local de trabalho, a conectividade, os equipamentos, o enquadramento, o trabalho em equipe, a confidencialidade, entre outros. E por fim, no capítulo cinco, apresenta-se o estudo de caso, em que se investiga a experiência da interpretação intermodal remota no âmbito do PET-Letras da UFSC, trazendo uma reflexão sobre o que foi vivenciado, os desafios e as soluções, assim como uma proposta de atuação tendo como base a prática interpretativa.

## 2 PANORAMA GERAL: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

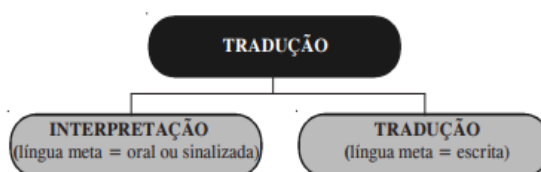
Nesta seção, a partir do campo disciplinar dos Estudos da Tradução (ET) e dos Estudos da Interpretação (EI) — bem como dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) — apresentam-se os conceitos de tradução e interpretação que consideramos importantes para refletir sobre as questões que envolvem a atuação dos intérpretes no par linguístico Libras-português (PAGURA, 2003; VASCONCELLOS 2009; RODRIGUES e SANTOS 2018; RODRIGUES e BEER 2015), inclusive em relação ao uso das novas tecnologias. Além disso, discutem-se modalidades de interpretação (PAGURA 2003, 2010,2015; CAVALLO 2019; JIMÉNEZ 1999; WEBER 2008; SAMPAIO 2017) e contextos de atuação (PÖCHHACKER, 2010; RODRIGUES 2010).

### 2.1 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E OS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO

A história da tradução e da interpretação, referidas por Vasconcellos (2010), dizem respeito a uma atividade humana exercida com finalidade de mediar contatos interlinguísticos e interculturais superando as barreiras comunicativas. Segundo Romão (1998), é impossível saber quando se deu origem a primeira tentativa de interpretação ou de tradução, uma vez que desde que o homem passou a fazer uso da língua oral e, posteriormente da escrita, elas se proliferaram de maneira vertiginosa visando, diante da diversidade de línguas diferentes pelo mundo, romper com as barreiras linguísticas formadas entre os povos.

Com o passar do tempo, a tradução e a interpretação foram se especializando e ganhando contornos de atividade profissional. Assim, certas competências relacionadas às atividades tradutórias e interpretativas, bem como ao ensino e a aprendizagem de técnicas e habilidades necessárias ao traduzir e/ou ao interpretar, foram se delineando e passaram a compor a realidade destes profissionais que, atualmente, têm sido vistos e pensados no campo disciplinar dos ET e dos EI.

Figura 1- Diferença entre tradução e interpretação, segundo Pereira (2008)



Fonte: Pereira (2008, p. 137)

Rodrigues e Beer (2015), considerando Baker (1998), explicam que o campo da tradução, mais especificamente os ET, se compõe de distintos objetos de investigação, os quais envolvem a tradução de obras literárias e não literárias, a interpretação, a dublagem e a legendagem. Nessa perspectiva, a noção de tradução é bem ampla, envolvendo, assim como define Pereira (2008), toda e qualquer atividade de modificar um texto a partir de outra língua, esteja este texto na modalidade escrita, sinalizada ou vocalizada, sendo que se o texto alvo for oral, trata-se de uma interpretação; e se for escrito, será uma tradução. Segundo ela:

Pode-se dizer que a tradução é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou sinalização, em outra língua meta. A diferenciação é feita, em um nível posterior de especialização, quando se considera a modalidade da língua para qual está sendo transformado o texto. Se a língua meta estiver na modalidade escrita trata-se de uma tradução; se estiver na modalidade vocal (também chamada de oral) ou sinalizada (presenciais ou de interação imediata), o termo utilizado é interpretação. (PEREIRA, 2008, p. 36).

Portanto, o conceito de tradução pode ser empregado de forma geral como referência a toda e qualquer atividade por meio da qual um signo verbal é interpretado, já que “ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais”, como explica Jakobson (1975, p. 64 e 65).

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação* (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

Neste sentido, é possível perceber a amplitude que o conceito de tradução pode assumir. É interessante notar, por exemplo, algumas ações de organização sistematizada de diferentes tipos e/ou modalidades de tradução, tal como a realizada pela editora St. Jerome que subdivide o campo da tradução em vinte e sete áreas específicas (VASCONCELLOS, 2009).

Este “mapeamento” apresentado abaixo (Quadro 1) traz vários campos de estudos e é bem amplo e detalhado. Embora ele não seja um mapeamento em si, como proposto por Holmes (1972) ou pela sistematização de áreas de pesquisa de Williams e Chesterman (2002), a proposta da editora para a organização de suas publicações relacionadas ao campo da tradução, permite-nos observar a diversidade dos ET e de sua interdisciplinaridade. A proposta da St. Jerome abarca os EI e algumas de suas (sub)áreas específicas, como destacado em negrito (Quadro 1): Interpretação para a Comunidade/ Interpretação de Diálogo/ Interpretação de serviço público; Interpretação Simultânea e de Conferência; Interpretação Legal e Jurídica e Interpretação de Línguas Sinalizadas e Formação de Tradutor e Intérprete.

Quadro 1- Sistematização da St. Jerome.

1	Tradução Multimídia e Audiovisual
2	Tradução Religiosa e Bíblica
3	Bibliografias
4	<b>Interpretação para a Comunidade/ Interpretação de Diálogo/ Interpretação para Serviço Público</b>
5	<b>Interpretação Simultânea e de Conferência</b>
6	Estudos Comparativos e Contrastivos
7	Estudos Baseados em Corpus
8	<b>Interpretação Legal e Jurídica</b>
9	Avaliação /Qualidade /Avaliação /Testes
10	História da Tradução e <b>Interpretação</b>
11	Estudos Inter-Culturais
12	<b>Estudos de Interpretação</b>
13	Tradução Literária
14	Tradução (auxiliada) por Computador
15	Trabalhos de Múltiplas Categorias
16	Estudos Orientados ao Processo
17	Metodologia de Pesquisa
18	<b>Interpretação de Línguas Sinalizadas</b>
19	Tradução Técnica e Especializada
20	Terminologia e Lexicografia
21	Gênero e Tradução
22	Tradução e Ensino de Línguas
23	Tradução e Política
24	Tradução e a Indústria da Língua
25	Políticas de Tradução
26	Teoria de Tradução
27	Formação de Tradutor e <b>Intérprete</b>

Fonte: Vasconcelos (2009, p. 8).

Ao considerar o campo disciplinar dos ET, a partir do exposto acima, é possível perceber que interpretação aparece tanto como uma *subárea* específica quanto como um campo disciplinar autônomo: Estudos da Interpretação, no qual esta pesquisa se insere. Sem entrar nas discussões referentes ao fato de a interpretação — a tradução oral — ser objeto de um campo disciplinar específico ou apenas de uma subárea dos ET, entendemos que a interpretação refere-se “à manipulação de ‘textos orais’ (i.e. em processo de produção e, por sua vez, não registrados)”, portanto, “[...] ao ter como matéria-prima o discurso em fluxo, o profissional trabalha, na maioria dos casos, em contato direto e imediato com o autor do texto e com o público e, portanto, o resultado de seu trabalho vai sendo conhecido à medida que desaparece, visto não possuir registro automático”, conforme defendido por Rodrigues e Santos (2018, p. 2 e 3).

Nessa perspectiva, o estudo dos processos interpretativos está vinculado a uma área específica conhecida como EI (CAVALLO; REUILLARD, 2016; ROMÃO, 1998). E como está pesquisa tem como objeto o estudo e reflexão a prática interpretativa simultânea intermodal

operacionalizada on-line por meio da plataforma de conferência *web* da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), ela se insere no campo dos EI, mais especificamente no campo dos Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais.

Como mencionado anteriormente, os EI, mesmo que vinculados aos ET, tem sido visto como independente com seu próprio objeto, vertentes teóricas, modelos, metodologias e princípios. Cavallo e Reuillard (2016) frisam o crescente aumento das publicações relacionadas a este campo de pesquisa no contexto brasileiro. Segundo elas, a Europa, o Canadá e a Austrália foram pioneiros nas pesquisas sobre a interpretação. No Brasil, todavia, as pesquisas acadêmicas nesta área seriam mais recentes. Um levantamento de pesquisas acadêmicas defendidas entre o ano de 2006 até 2011, a partir do banco de teses da Capes e também do *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), feito pelas autoras, identificou um total de apenas sete dissertações de mestrado e três teses de doutorado, o que, embora seja pouco, já evidencia o início do engajamento da pesquisa brasileira sobre a interpretação.

Mesmo que os campos disciplinares dos ET e dos EI tenham propósitos equivalentes, ou seja, dedicam-se a investigar a translação de enunciados/textos/discursos de uma língua para a outra, eles destacam as distinções de operacionalização dos processos tradutórios em relação aos processos interpretativos. Pagura (2003) aponta que na tradução oral, também conhecida como interpretação, o enunciado é recebido de forma oral e convertido para outro enunciado oral, exigindo *expertise* em ambas as línguas, conhecimento geral, conhecimento específico de determinadas áreas e domínios, assim como vocabulário, e outras habilidades, destrezas e capacidades.

Diferentemente da tradução, na modalidade escrita, em que a mensagem é, comumente, recebida de maneira escrita e convertida também para um texto escrito, o material poderá ser publicado ou impresso, e, assim, sua exposição/durabilidade tem tempo indeterminado, na interpretação, o fluxo e a efemeridade são características tanto do texto fonte quanto do texto alvo. É importante mencionar aqui que, com o avanço da tecnologia, o áudio e o vídeo também têm sido empregados em traduções não escritas como mecanismos de registro. Na interpretação, pode-se dizer que o contexto é social e compartilhado, onde a equipe tem a possibilidade de discutir ideias acerca das dificuldades encontradas e ainda, é possível conferir os efeitos das escolhas antes combinadas pelo o grupo logo de imediato, através das expressões dos participantes presentes.

Outro aspecto importante apresentado por Pagura (2003) é que o ofício da tradução é realizado sem a necessidade de uma conexão direta ou face a face com o público-alvo, pois conta com texto fonte já finalizado e a elaboração tem registro automático, uma vez que esta

prática está relacionada à escrita que visa ser duradoura. Por outro lado, para a interpretação, o produto final é passageiro e sem registro automático, considerando que o texto fonte é momentâneo, a atividade interpretativa varia de acordo com o contexto e tem total dependência do contato com a audiência (RODRIGUES; SANTOS, 2018).

De modo geral, pode-se considerar, assim como mencionado por Pagura (2003), que na interpretação, o profissional precisa, de maneira imediata, ouvir, processar e reformular um enunciado na língua alvo, já na tradução não é bem assim, a tradução permite pausas para consultas e pesquisa de conteúdo, sendo que o produto final pode ser revisado quantas vezes forem necessárias antes de ser entregue, possibilitando mudanças. Nesse sentido, as competências linguísticas e extralinguísticas exigidas do tradutor e do intérprete não são as mesmas, o uso do apoio é diferenciado e as tecnologias utilizadas se divergem.

Hoje em dia, momento em que estas áreas se encontram mais delineadas, tanto os ET quanto os EI, é possível melhor conhecer as singularidades do processo interpretativo em relação ao processo tradutório, principalmente aqueles envolvendo a tradução escrita. Para Pagura (2015), diferentemente da tradução, a interpretação seria efêmera, realizada no aqui e agora. Nesse sentido, podemos afirmar que os ET têm como foco a tradução e o traduzir e os EI tem como objeto a interpretação e o interpretar, os quais, segundo Rodrigues e Santos (2018, p. 3) se diferenciam, respectivamente, pelo seguinte:

- (i) O caráter do texto fonte: concluído e registrado *versus* em fluxo e transitório;
- (ii) A condição de trabalho: menos dependente do contexto e sem a obrigatoriedade de contato com o público *versus* totalmente dependente do contexto e com a necessidade de contato com o público; e
- (iii) O registro do produto: automático e duradouro *versus* não automático e efêmero.

Em suma, tendo em vista estas concepções, acredita-se que a interpretação exige competências e habilidades linguísticas específicas para lidar com a oralidade da língua; tem um uso restrito de apoio externo; demanda o uso de tecnologias específicas; tem pouca possibilidade de revisão antes do conhecimento do público, manifesta-se em diferentes modalidades. Além disso, as características da interpretação também podem ser alteradas quando uma das línguas envolvidas é uma língua de sinais. Assim, como mencionamos acima, é possível pensar em um campo disciplinar próprio, o qual vem sendo denominado como ETILS (RODRIGUES e BEER, 2015).

## 2.2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

Analisando a tradução e a interpretação que envolve línguas de sinais, Rodrigues e Santos (2018) chamam atenção para o fato, assim como o fazem Pereira (2008) e Rodrigues e Beer (2015), de que tais processos, além de serem interlinguísticos são também intermodais. Como as modalidades das línguas envolvidas são distintas, esses processos ganham características singulares. De modo geral, entendemos que as línguas humanas podem se manifestar por meio de canais diferentes, ou seja, podem ser articuladas por meio da voz e recebidas pela audição ou por meio dos gestos do corpo no espaço e recebidas pela visão, respectivamente, podem ser de modalidade vocal-auditiva e gestual-visual. Rodrigues apresenta a seguinte comparação entre as modalidades de língua.

Quadro 2 - Diferenças entre línguas orais e de sinais.

LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Produção interna ao corpo	Produção externa ao corpo
Articuladores bem menores que os das línguas de sinais	Articuladores muito maiores que os das línguas orais
Articulação praticamente invisível	Articulação visível
Vinculadas diretamente à respiração	Não vinculadas ou pouco vinculadas à respiração
Braços e mãos disponíveis durante a produção da língua	Trato vocal disponível durante a produção da língua
Consolidam-se em sinais acústicos	Consolidam-se em sinais gestuais
Demandam uma largura de banda ( <i>bandwidth</i> ) menor	Demandam uma largura de banda ( <i>bandwidth</i> ) maior
Têm como meio basicamente o tempo, sendo unidimensionais	Têm como meio a junção tempo-espaço, sendo multidimensionais
Dependem de recepção auditiva (dependência da propagação de sons)	Dependem de recepção visual (dependência da disponibilidade de luz)
Mais antigas e de longo interesse da Linguística	Mais jovens e de recente interesse da Linguística

Fonte: Rodrigues (2018a, p. 115).

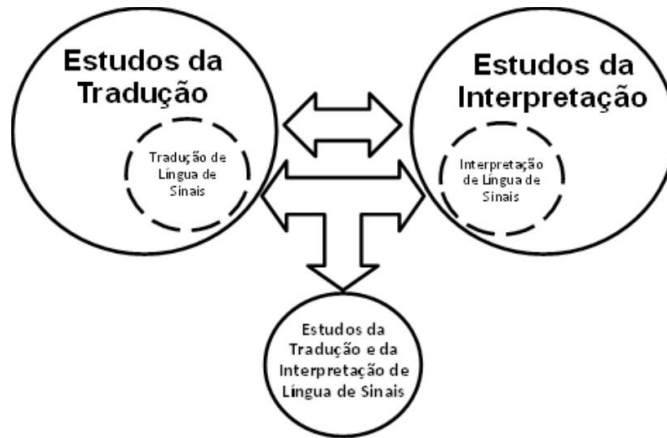
Devido à falta de um sistema de escrita de sinais bem difundido socialmente, Rodrigues e Santos (2018) apontam que a interpretação de/para línguas de sinais é bem mais recorrente do que a tradução e, por isso, atualmente a tradução não escrita de/para línguas de sinais, registrada em áudio ou em vídeo, tem sido mais comum que a tradução envolvendo algum sistema de escrita de línguas de sinais, como explica Rodrigues (2018b). Em relação à direcionalidade da interpretação tem sido bem mais comum aquela feita por pessoas ouvintes do português para a Libras — da língua A para a língua B: *interpretação inversa* — do que a interpretação da Libras para o português — da língua B para a língua A: *interpretação direta*.

De modo geral, o que caracteriza e justifica a existência dos ETILS é a questão da modalidade de língua (Figura 1). Segundo Rodrigues e Beer (2015, p. 23),

As pesquisas sobre a tradução e o traduzir e sobre a interpretação e o interpretar envolvendo línguas de sinais inscrevem-se, respectivamente, nos ET e nos EI e se afirmam como uma vertente específica ao trazer as implicações da modalidade gestu-visual a esses campos disciplinares, ampliando e diversificando suas possibilidades de análise e reflexão.

Portanto, os ETILS são apenas uma maneira de se referir às pesquisas sobre tradução e interpretação de/entre/para línguas de sinais, visto que essas pesquisas trazem à tona a questão dos impactos da modalidade de línguas sobre os processos tradutórios e interpretativos intermodais (entre uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual) e intramodais gestuais-visuais (entre duas línguas de sinais, as quais são de modalidade gestual-visual), como discutido por Ferreira (2019).

Figura 1- Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais.

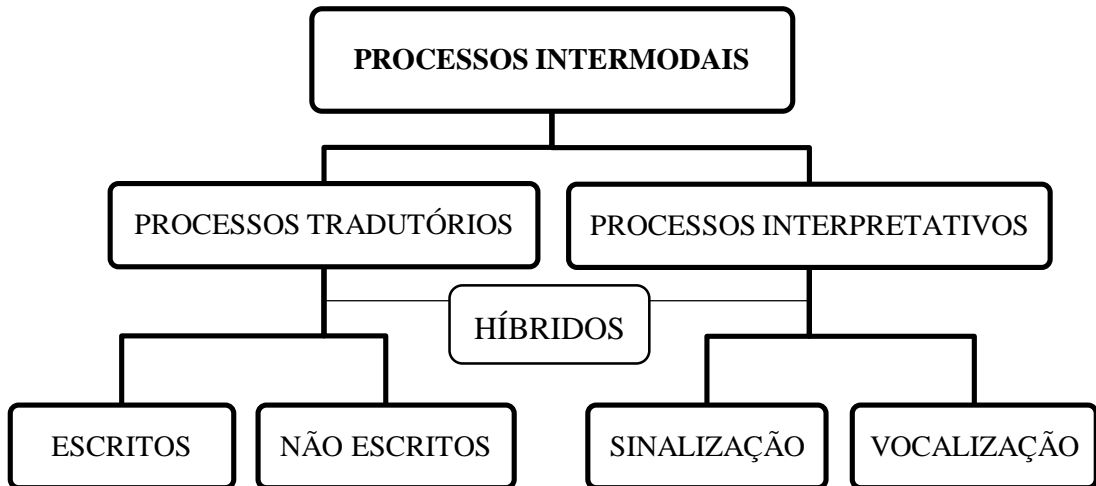


Fonte: Rodrigues e Beer (2015 p. 23)

Conforme exibido acima (Figura 2), percebe-se que as pesquisas sobre tradução e interpretação de/entre/para línguas de sinais estão filiadas, respectivamente, aos tradicionais campos disciplinares dos ET e dos EI. Assumindo as perspectivas de Ferreira (2019), podemos organizar os processos tradutórios e interpretativos envolvendo línguas de sinais em processos intermodais (Figura 3) e intramodais gestuais-visuais (Figura 4).

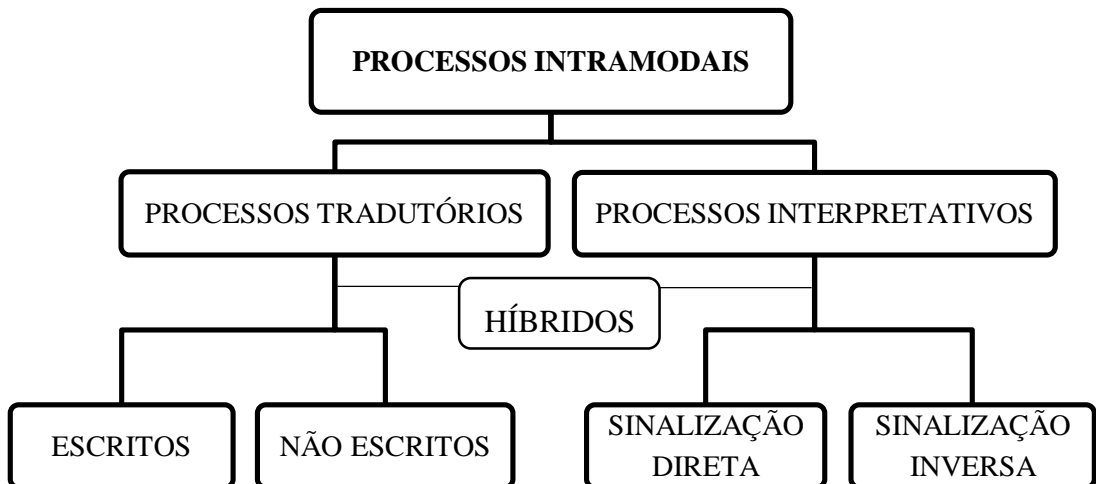


Figura 2 - Processos Intermodais.



Fonte: Ferreira (2019, p. 53)

Figura 3 - Processos Intramodais.



Fonte: Ferreira (2019, p. 54).

Segundo Ferreira (2019), essas propostas de categorização a partir das modalidades das línguas envolvidas nos processos tradutórios e interpretativos indicam que existem muitas possibilidades de atuação para os tradutores e de intérpretes intermodais e intramodais gestuais-visuais, tanto ouvintes quanto surdos. Além disso, existem diferentes modalidades de interpretação, as quais demandam diferentes conhecimentos e habilidades para sua operacionalização. Nesta pesquisa, enfocaremos a modalidade simultânea em contexto remoto, mas existem outras, tais como a interpretação consecutiva (curta e longa) e a interpretação à prima vista, também conhecida como tradução à prima vista, como veremos na próxima subseção.

### 2.3 AS MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO

Considerando a definição de interpretação que apresentamos acima e como ela se aproxima e diferencia da tradução, propriamente dita, bem como o fato de que a interpretação pode ocorrer entre línguas de diferentes modalidades, abordaremos abaixo as modalidades de interpretação mais conhecidas, a saber: (i) a consecutiva (curta e longa); (ii) a simultânea (de cabine e sussurrada); e (iii) à prima vista.

A (i) *interpretação consecutiva*, abordada por Pagura (2015), atingiu seu auge durante os anos de ocorrência da primeira e segunda guerra mundial, onde nações aliadas mantinham um fluxo de comunicação maior, necessitando do auxílio de intérpretes para contornar as barreiras linguísticas. Atualmente, essa modalidade de interpretação não é a ideal para grandes eventos internacionais, sendo usada preferencialmente para ocasiões com um número mais restrito de participantes onde há apenas dois idiomas envolvidos, como nas esferas jurídicas e médicas. Cavallo (2019) explica que existe um privilégio de trabalhar com esta modalidade, uma vez que o intérprete tem acesso a um trecho completo da fala antes de começar a reproduzir o discurso na língua alvo.

Pagura (2010) comenta que a interpretação *consecutiva longa* consiste na modalidade em que o intérprete ouve o texto na língua fonte, mesclando seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, toma notas e através das informações armazenadas na memória de curto e longo prazo organiza o discurso na língua alvo, de maneira não sobreposta, como ocorre na simultânea. Por outro lado, na *consecutiva curta*, também conhecida como intermitente, o processo é o mesmo, mas o intérprete se dedica a trechos menores e as pausas são de uma ou duas frases, no máximo, além disso, por conta do curto período, não se realiza a tomada de notas (CAVALLO, 2019).

Já a (ii) *interpretação simultânea*, segundo Pagura (2003), é realizada, comumente, por uma dupla de profissionais, que trabalham dentro de cabines a prova de som, onde com o uso de fones de ouvidos recebem o discurso na língua fonte e por intermédio de um microfone, depois do processamento da mensagem, pronunciam o texto na língua alvo. Todavia, é importante mencionar que nem sempre a simultânea é realizada com o apoio da tecnologia ou em cabines. Muitas vezes, a simultânea sussurrada e a simultânea para a língua de sinais demandam apenas o corpo do intérprete em ação.

Outro ponto a ser mencionado é que para o autor supracitado, vale ressaltar que a atividade não é realizada realmente de forma simultânea, pois se faz necessário um pequeno período de processamento, seguido de uma reestruturação do comunicado para que então a

atividade interpretativa seja concretizada. O que de fato ocorre simultaneamente é uma série de distintos processos cognitivos, já que a escuta, o processamento e a fala de diferentes enunciados ocorrem concomitantemente.

Em uma publicação mais atual, Pagura (2015) defende que, apesar da interpretação simultânea ser a mais utilizada atualmente, é necessária experiência na modalidade consecutiva e seus fundamentos antes de se aventurar pela simultânea, pois é apenas dominando suas técnicas — no caso, da consecutiva —, em especial a desverbalização, que o intérprete aprenderá a se focar no conteúdo da mensagem, em seu sentido, e não apenas nas palavras.

Outra coisa a acrescentar é que a ascensão das tecnologias na atualidade, fez com que a interpretação remota se tornasse cada vez mais viável, a qual, na maioria das vezes se operacionaliza na modalidade simultânea. Cavallo (2019) pontua que as demandas de interpretação simultânea remota têm sido cada vez mais intensas nos últimos tempos, esta acontece com o uso dos recursos de vídeo e áudio, por meio de uma transmissão de rede. Como apresentado por Queiroz (2011), o uso de tecnologias na interpretação remota é viável levando em consideração as contingências econômicas nas quais a esfera pública se encontra em suas inúmeras limitações, como por exemplo os hospitais, em que, por vezes, se faz necessária a interpretação comunitária e, nesse caso, seria inviável manter um profissional a disposição de maneira integral.

Dentro do escopo da simultânea está a interpretação sussurrada, já citada acima. Assim como o nome sugere, ela é realizada com o intérprete ao lado do público, sem qualquer auxílio de equipamentos, apenas usando o tom de voz baixo para transmitir o que está sendo dito (CAVALLO, 2019). É por esse motivo que Romão (1998), acredita que este tipo de interpretação deve ser preservado para ocasiões excepcionais e sempre que possível, ser ofertada a um indivíduo ou grupo limitado de pessoas e, preferencialmente, em situações em que o destinatário da interpretação é um expectador sem participações ativas na conversa.

Ainda de acordo com Cavallo (2019), esta forma de interpretação enfrenta muitos desafios, pois a ausência de uma cabine com isolamento acústico pode prejudicar a compreensão do intérprete sobre o que está sendo falado, há também questões como a fadiga que se agrava pelas condições em que a interpretação é realizada. Não sendo recomendado para ocasiões de longa duração. Outra observação importante destacada por Romão (1998), é que o intérprete deve ter um controle de sua voz, pois o tom deve ser mantido baixo o bastante para não interromper o orador ou incomodar as pessoas próximas, e alta o bastante para que a mensagem possa ser compreendida pelo o ouvinte.

Por fim, a (iii) *interpretação à prima vista ou tradução à vista*, de acordo com Sampaio (2017), tem como uma de suas maiores características partir de um texto escrito com base na simultaneidade do processo de tradução oral, uma vez que ocorre no mesmo instante e sem a utilização de muitos recursos. Cavallo (2019) acrescenta que o intérprete recebe um *input* que pode ocorrer de maneira visual (texto) ou auditiva (acesso ao discurso). A autora ainda faz um adendo, afirmando que para esta forma de apoio que envolve texto, é considerado e aceito qualquer formato que possa vir a dar suporte durante a atividade, como: *slides* de *PowerPoint* e legendas.

Além disso, conforme apresentado por Jiménez (1999), esta modalidade tem cinco variedades, sendo elas: 1) *tradução à prima vista “ao bater do olho”*, na qual o intérprete não tem a possibilidade de preparo prévio; 2) *tradução à prima vista preparada*, na qual é permitido que o intérprete tenha contato com o texto de forma passageira apenas para se familiarizar do conteúdo; 3) *tradução à prima vista consecutiva*, na qual o intérprete lê todo o texto e, em seguida, realiza a sua interpretação de forma oral, podendo ser configurado em resumo do que foi absorvido e compreendido; 4) *tradução à prima vista em interpretação consecutiva*, em que é realizado a leitura pela palestrante do texto escrito e, posteriormente, o intérprete reformula de forma oral; e 5) *a interpretação simultânea com texto e interpretação simultânea documentada ou recitada* que ocorre geralmente em cabines, que se dá quando o intérprete tem em suas mãos o texto escrito que serve de base para sua atuação.

De todo modo, este tipo de interpretação é considerado por alguns autores extremamente complexa, uma vez que exige do intérprete um esforço cognitivo considerável pelo fato de se realizar uma reformulação textual muito complexa, diferentemente do ato simultâneo que lida com o texto oral espontâneo. Vale ressaltar que, de acordo com Weber (2008), a prática de atuação da interpretação/tradução à prima vista exige habilidades iguais aos dos intérpretes que atuam em conferências, focando na velocidade de processamento. Sobre este assunto, a autora Cavallo (2019) conclui que esta modalidade pode servir como prática para a interpretação simultânea, pois, como ressaltado acima, a prática exige grande habilidade de compreensão e capacidade de processamento rápido para executar a tarefa.

Além das modalidades de interpretação, as quais estão relacionadas ao modo tradutor, ou seja, a forma por meio da qual o texto será traduzido, o contexto em que se dará a interpretação também é essencial à compreensão de diferentes tipos de interpretação, tais como a interpretação que se desenvolve em contextos de conferências, em contextos comunitários, em contextos midiáticos e/ou em contextos remotos, como veremos na subseção a seguir.

## 2.4 OS CONTEXTOS DE INTERPRETAÇÃO

Ao se considerar as modalidades de interpretação, muitas vezes, mencionamos os contextos nos quais elas ocorrem mais frequentemente. Portanto, é importante perceber que a medida em que os espaços e os contextos vão variando, não apenas a modalidade de interpretação demandada pode alterar, mas o tipo de atuação requerida do intérprete também se diversifica e outros elementos entram em cena, os quais podem se relacionar às tecnologias empregadas, aos recursos disponíveis, aos níveis de formalidade exigidos, ao público-alvo, entre outras questões.

Existem basicamente dois tipos distintos de contextos mais comuns: os contextos de conferências (na esfera de encontros internacionais) e os contextos comunitários (em âmbito mais intrassocial). De acordo com Pöchhacker (2010), os contextos precisam ser considerados com base em um contínuo conceitual com duas grandes distinções: primeiro, entre o internacional e o intrassocial — ou baseada em cenários comunitários — e segundo, com relação ao formato da interação — prototipicamente, multilateral, como acontece em conferências *versus* os diálogos face a face. Dito de outra maneira é atribuído ao contexto de conferências requinte e formalidade enquanto para o contexto comunitário reserva-se a interação entre os interlocutores de forma mais direta e, até mesmo, pessoal.

Quando se trata de interpretação de conferência supõe-se que é aquela que é elaborada para um grande público, onde há pouca ou nenhuma interação dialógica entre os participantes, já que se dá de forma monológica. Por outro lado, a interpretação comunitária tem outras características, a principal delas é que ela é usada em um contexto de serviço público — como, por exemplo, na área da saúde, da educação e na jurídica — no qual o intérprete tem que mediar à comunicação entre os falantes de duas línguas distintas, os quais muitas vezes estão em uma relação assimétrica de poder. Esta é tida como dialógica e durante este tipo de atuação, o intérprete além de ser um facilitador da comunicação, muitas vezes, precisar se envolver com questões diversas tais como julgamentos, problemas de saúde, morte etc.

Para ilustrar as diferenças entre a interpretação comunitária e a de conferência, Rodrigues (2010) apresenta uma comparação em que se faz possível identificar as características destas referidas modalidades (Quadro 3).

Quadro 3 - Diferenças entre interpretação comunitária e de conferências.

<b>Interpretação comunitária (WADENSJÖ, 1998)</b>	<b>Interpretação de conferências (GILE, 1998)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- atividade de caráter <i>intra-social</i> (PÖCHHACKER, 2001);</li> <li>- atividade ligada às instituições públicas e ao acesso aos bens públicos (mediação social);</li> <li>- interpretação consecutiva/ intermitente (PAGURA, 2003) de interações reais e diálogos espontâneos, face a face, e não de discursos;</li> <li>- interpretação de e para ambas as línguas, sendo uma delas a língua oficial do país e a outra a de uma minoria, comunidade estrangeira ou outro grupo marginalizado;</li> <li>- atuação com mais visibilidade que aquela realizada em conferências (com o ILS ocorre o contrário);</li> <li>- função entendida como muito mais que interpretar entre duas línguas (apoio, defesa, militância...);</li> <li>- interpretação realizada sem prévia formação e com baixa ou nenhuma remuneração (atualmente existem programas de profissionalização de intérpretes comunitários).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- atividade de caráter <i>internacional</i> (PÖCHHACKER, 2001);</li> <li>- atividade ligada muitas vezes a encontros multilíngües e multiculturais;</li> <li>- interpretação de discursos em grandes eventos na grande maioria das vezes simultaneamente (ou consecutivamente);</li> <li>- interpretação de e para ambas as línguas, sempre que necessário (a maioria dos intérpretes tem no máximo três línguas de trabalho – A, B e C);</li> <li>- atuação com pouca visibilidade no sentido de que o intérprete fica em cabinas e não diante do público (com o ILS ocorre o contrário);</li> <li>- interpretação considerada de grande prestígio e realizada por profissionais com formação, os quais são devidamente remunerados.</li> </ul>

Fonte: Rodrigues (2010, p.5)

As terminologias empregadas para se referir à interpretação comunitária, de acordo com Cavallo (2019), baseada em Pöchhacker (2014), são **interpretação de serviço público** e **interpretação cultural**, variando de acordo com os países e as perspectivas sobre a atuação. Ela acrescenta que interpretação comunitária é um termo muito amplo que engloba a atuação do intérprete em diversos contextos sociais de forma dialógica, sendo que, muitas vezes, essa prática não faz uso de equipamentos tecnológicos.

Enquanto Queiroz (2011) afirma que os intérpretes de conferência têm muito mais visibilidade e *status* por atuarem em contextos internacionais como, por exemplo, palestras, seminários e encontros que, muitas vezes, estão vinculados ao universo empresarial e acadêmico. E nesses contextos, geralmente, a atuação é feita de um idioma para o outro sem que haja muitas interferências externas.

### 3 TRADUÇÃO E TECNOLOGIA: O QUE É INTERPRETAÇÃO REMOTA?

Após apresentamos o campo disciplinar em que está pesquisa se insere e os conceitos importantes às reflexões que são aqui apresentadas, prosseguimos, nesta seção, para a compreensão mais aprofundada do nosso objeto de pesquisa: a interpretação simultânea intermodal em contexto remoto.

Sabe-se que os tempos modernos trazem consigo a difusão das tecnologias em massa. Essas tecnologias alteram radicalmente diversos âmbitos sociais e, conseqüentemente, os modos de vida. Geralmente, o desenvolvimento tecnológico tem por objetivo facilitar a vida das pessoas, criando, entre outros, recursos e benefícios, novas alternativas de trabalho, de aprendizado e de comunicação. Há autores que ressaltam que “em um futuro próximo, alguns dos possíveis desafios para a profissão incluirão o crescente uso da interpretação remota em diversas situações, e isso exigirá o desenvolvimento de padrões para que ela seja adequadamente utilizada” (DIRIKER, 2015, p. 182, tradução nossa).

De modo geral, o que observamos atualmente, é que diante da crescente e inesperada demanda pela interpretação remota de/entre/para línguas de sinais, alguns órgãos nacionais e internacionais, que atuam em apoio ao tradutor, ao intérprete e ao guia-intérprete intermodais elaboraram documentos norteadores visando auxiliar diretamente àqueles que tiveram suas rotinas de trabalho afetadas pela pandemia da covid-19. A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais — Febrapils<sup>1</sup>, por exemplo, publicou a Nota Técnica Nº 04/2020 (<https://febrapils.org.br/documentos/>), de caráter instrucional, abordando a Interpretação Simultânea Remota para Língua Brasileira de Sinais.

Portanto, essa nota surge quando uma significativa parcela dos profissionais dos serviços de tradução e de interpretação de línguas de sinais foi forçada a trabalhar remotamente, principalmente os intérpretes que, por atuarem frequentemente de modo presencial, não estavam devidamente preparados para migrar quase que totalmente para esta nova realidade tecnológica. A ação da Febrapils teve o intuito de orientar e apresentar os possíveis procedimentos e postura frente às questões técnicas e teóricas da atuação remota em meio à pandemia, contribuindo com os profissionais da tradução e da interpretação de línguas de sinais no Brasil.

---

<sup>1</sup> Febrapils. Nota Técnica nº 04/2020. Disponível em: <https://febrapils.org.br/documentos/>. Acesso em: 10 fev.2021.

Vale salientar, também, a iniciativa da Associação Catarinense de Tradutores Intérpretes de Línguas de Sinais — Acatils — que, em parceria com a Febrapils, promoveu o seu primeiro webinar<sup>2</sup> durante a quarentena, com o tema: “Interpretação em contexto remoto”, tendo como convidados, o professor Dr. Carlos Rodrigues e duas intérpretes de Libras-português que estavam atuando remotamente no âmbito do Programa de Educação Tutorial da UFSC e em outros espaços: Thuanny Sá Galdino, autora deste trabalho, e Ana Gabriela Dutra Santos, bolsista PIBE de Acessibilidade do PET-Letras UFSC. Além de apontamentos teóricos, os participantes compartilharam suas experiências e discutiram alguns desafios e estratégias frente ao trabalho remoto em *home office*, o que inclusive motivou a construção deste trabalho.

O termo *interpretação remota* indica uma atividade interpretativa à distância que se operacionaliza de modo não presencial com o suporte da tecnologia. De acordo com Malmkjær (2018), em consonância com Braun (2015), esta categoria refere-se ao quando se utiliza da tecnologia para se obter acesso a um intérprete que pode estar em outra sala, edifício, cidade ou país, por intermédio do uso de uma chamada telefônica ou de *link* de videoconferência. Mouzourakis (2006), seguindo uma perspectiva semelhante, considera que interpretação remota são todas aquelas realizadas fora do ambiente da reunião, onde o intérprete permanece trabalhando exclusivamente com uso de uma tela e fones de ouvido.

Apesar da possibilidade de assumirmos pontos de vista distintos de compreensão e de apresentação da interpretação remota, pode-se considerar como fator imprescindível à sua caracterização o fato de *o intérprete estar em um local diferente dos demais participantes da interação em questão, acessando remotamente a situação comunicativa*. Nesse sentido, a presença virtual do intérprete se efetiva com as tecnologias, seja por meio de chamada da *internet* ou de aplicativos em *smartphones*, usando dos recursos de chamadas de áudio ou de vídeo. Essa possibilidade de uso da tecnologia no oferecimento remoto dos serviços de interpretação tornou a interpretação mais “acessível” a todos, como discorre Furtado (2014)<sup>3</sup>, ao tratar a possibilidade de atuação virtual dos profissionais da interpretação.

Roat e Crezze (2015) realçam que o suporte da tecnologia permitiu que intérpretes fornecessem uma variedade maior de serviços remotos, que anteriormente eram restritos apenas às interpretações por chamadas de voz, e destacam ainda que a interpretação remota causa uma grande flexibilização em toda a indústria da tradução. Era impossível, segundo Seeber (2015), que as tecnologias não impactassem as rotinas e, de fato, inevitavelmente, elas se difundiram pelo segmento dos serviços de tradução e de interpretação. Ele aponta que na última década as

---

<sup>2</sup> O webinar encontra-se disponível em: [www.youtube.com/watch?v=sx--tLD0h0&t=4432s](https://www.youtube.com/watch?v=sx--tLD0h0&t=4432s). Acesso em: 10 fev.2021.

<sup>3</sup> Todas as citações de Furtado (2014) estão em português de Portugal.



discussões a respeito de como integrar da melhor maneira as tecnologias aos serviços de tradução são, cada vez mais, repetidas exaustivamente.

Entretanto, além de conceituarmos o que é a interpretação remota, no intuito de melhor compreendê-la, existem outras questões que precisam ser consideradas diante das novas configurações proporcionadas pela intensificação da prestação de serviços de interpretação remota. Assumindo isso, Furtado (2014) argumenta em favor da necessidade, por exemplo, do preparo antecipado para as videoconferências.

Contudo, o sucesso do intérprete e da conferência em que ele participa dependerá obviamente também da sua preparação prévia dos temas a serem tratados em determinados eventos, através de leituras, consultas de glossários e, se possível, de preleções já anteriormente proferidas, etc. Além disso, deverá ter presença e postura, ter capacidade de trabalho em equipa, ser perseverante e ser capaz de lidar da melhor forma com situações de fadiga, stress ou qualquer problema que possa impedir um desempenho de qualidade elevada. (FURTADO, 2014, p. 214).

Deste modo, percebe-se que o que já era recomendado na modalidade presencial torna-se indispensável, tendo em vista que só a fluência nas línguas envolvidas na interpretação não dá conta das questões que permeiam a cultura, a identidade e os aspectos sociais e extralinguísticos envolvidos nos processos tradutórios e interpretativos. Além disso, os intérpretes precisam estar a par de assuntos diferenciados e de áreas técnicas específicas que não são parte de sua formação, pois a prática tradutória leva o profissional a dialogar com outras ciências a fim de poder intermediar uma conversa ou um discurso.

Existem muitos desafios enfrentados durante a prática interpretativa, como assegura Pagura (2010), por exemplo, quando há uma apresentação em texto escrito ou quando, não de maneira intencional, os participantes se interrompem. Na verdade, muitos fatores podem ser difíceis quando se trata de interpretação, um sotaque estrangeiro, a velocidade da prosódia, leituras corridas de documentos, questões técnicas, entre outras.

No campo da interpretação, a tecnologia da informação aloca boa parte de seus esforços nas ferramentas de videoconferência, embora esta transformação digital seja um assunto extremamente atual, a Globalização recente, por sua vez, teve papel igualmente fundamental no avanço destes novos métodos de trabalho ao longo das últimas décadas. Sem as tecnologias já existentes, não seria possível que tantos países espalhados ao redor do mundo adotassem a prática do *home office*. Contudo, existem contextos nos quais o trabalho remoto pode ser aplicado com mais efetividade.

Nos últimos anos, o trabalho remoto já vinha sendo popularizado na área da interpretação e, além disso, cada vez mais, tradutores e intérpretes de línguas de sinais optavam pelos chamados “estúdios caseiros”, usados tanto para produzir traduções quanto para atuar remotamente de forma on-line. A possibilidade de trabalhar no conforto de casa, com liberdade

de horários e sem a pressão de estar em um ambiente desconhecido despertava o interesse de muitos profissionais da área e as ferramentas digitais, gradativamente, somavam pontos positivos para esta adaptação. Entretanto, é necessário contemplar as questões que ultrapassam o que é de cunho técnico.

Dever-se-á salientar que a pressão psicológica à qual os intérpretes estão sujeitos durante o exercício da sua actividade profissional não é algo que seja apenas característico da modalidade de interpretação remota. [...] Contudo, é face à interpretação remota que os intérpretes profissionais têm revelado uma atitude menos positiva e de relutância. Vários estudos comparativos realizados no âmbito de diversas instituições oficiais têm considerado, de uma forma geral, que esta é, de facto, a variante que causa níveis mais elevados de stress, fadiga, irritabilidade, sentimentos de alienação, etc. (FURTADO, 2014, p. 7).

Compreende-se que este recurso de tanto sucesso, com possibilidades inovadoras advindas da tecnologia, que tem justamente a função de nos oferecer praticidade, agilidade e conforto, visto de outra perspectiva, sobrecarrega o usuário-intérprete que passa a se concentrar não só em sua atividade interpretativa, mas se encarrega do controle da máquina, de um cenário adequado e de muitas outras questões.

Novos empecilhos vão surgindo e o que antes, na modalidade presencial, não era uma preocupação, como: iluminação, fundo, *internet*, enquadramento e, até mesmo, o abrir e fechar da câmera, se torna uma nova responsabilidade. Mesmo os mais habilitados, peritos em tecnologia, podem encontrar dificuldades nessa transição para um contexto remoto de atuação não presencial. Contudo, isso não o faz ser classificado como um recurso ruim, só exige investimento em adaptação e preparo técnico/psicológico para que os profissionais se sintam aptos a exercer seus ofícios de modo a lidar com certas angústias que a falta de preparo pode gerar.

Como mencionado anteriormente, fica claro que a interpretação remota é impulsionada pelo avanço tecnológico. Nunca estivemos tão estreitamente conectados ao redor do globo. Com a expansão do alcance da *internet* em velocidades cada vez mais altas e a facilitação e popularização dos aparelhos celulares, a difusão de informações e o acesso a elas se tornam mais disponíveis. Cada dia mais nascem novas formas de comunicação, trazendo consigo alternativas variadas para o oferecimento dos serviços de interpretação. Vale mencionar que onde eram necessárias ligações internacionais e estruturas de uma operadora telefônica, hoje, uma simples conexão com a *internet* combinada a um aplicativo de mensagens permitem que não apenas duas pessoas conversem por áudio ou vídeo, mas, também, que seja realizada a inserção do próprio intérprete em tela com um simples pressionar de botão.

A próxima subseção trata do surgimento da interpretação remota e dos esforços coletivos para a comunicação entre países via áudio e vídeo, abordando-se os recursos

empregados nessas tentativas, ainda pensados, geralmente, apenas na atividade interpretativa entre línguas vocais-auditivas e, também, alguns dos desafios enfrentados pelos intérpretes nesse contexto de atuação.

### 3.1 O SURGIMENTO DA INTERPRETAÇÃO REMOTA

A interpretação remota tornou-se bastante discutida por conta de sua potencialidade de redução de custos. Países e instituições de grande porte iniciam investimentos em pesquisas que avaliam a viabilidade e o impacto da ausência do intérprete presencialmente no local de costume.

Devido ao desenvolvimento de meios tecnológicos sofisticados, a possibilidade de comunicação à distância teve, por sua vez, um grande impacto na prática da profissão de interpretação: surge a interpretação remota como modalidade alternativa à forma mais tradicional da interpretação *in situ*. (FURTADO, 2014, p. 111).

Segundo Braun (2015), o primeiro registro de interpretação via telefone é creditado ao serviço de imigração australiano, datado no ano de 1973, como método usado pelo órgão *Telephone Interpreting Service* (TIS) — Serviço de Interpretação por Telefone, em português. Os serviços de interpretação similares a estes só seriam apresentados nos Estados Unidos e no norte europeu a partir dos anos de 1980. Já a interpretação por meio de videoconferência foi testada pela primeira vez em 1976, um experimento foi realizado na sede da UNESCO, em Paris, ligando-a a um centro de conferências em Nairóbi. Ele ficou conhecido como *Symphonie Satellite*. Na ocasião, a reunião contou com dois tipos de interpretação remota, sendo elas: (i) interpretação remota via telefone; e (ii) interpretação remota por vídeo. Mais à frente abordamos cada uma, salientando suas características.

Posteriormente, no ano de 1978, uma nova tentativa foi realizada pelas Nações Unidas, entre as cidades de Nova Iorque e Buenos Aires. Depois disso, inúmeros outros testes com novos equipamentos foram realizados com o intuito de possibilitar a comunicação entre locais geograficamente distantes através de áudio, vídeo ou de ambos — vale salientar que para cada tipo de transmissão existe um conceito adequado: quando se fala sobre a transmissão de áudio, nomeia-se como audioconferência, e ao se falar sobre a transmissão de áudio e vídeo, utiliza-se o termo videoconferência.

Furtado (2014) relata que as próximas experiências significativas nesta área acontecem a partir de 1990, quando os eventos se tornam mais populares. Nesta época, em meados de 1993, um Estudo Piloto de videotelefone chama a atenção dos tradutores de conferência e mais adiante, em 1995, a comissão europeia se atém à realização de testes. Ainda na década de 1990,

um projeto foi lançado com a intenção de avaliar as despesas e a qualidade de uma interpretação remota, este projeto contou com a parceria das instituições *École de Traduction et d'Interpretation* (Escola de Tradução e Interpretação) e *International Telecommunication Union* (União Internacional de Telecomunicações). Com o passar do tempo, as tecnologias e os estudos nessa modalidade aumentaram e, cada vez mais, a interpretação remota vem ganhando visibilidade e aceitação do público que a utiliza.

A discussão levantada, nesta subseção, apresentou, brevemente, os primórdios da interpretação remota e seus desafios e, a seguir, na próxima seção, descrevem-se as modalidades de áudio conferência e vídeo conferências na atuação dos intérpretes.

### 3.2 TIPOS DE INTERPRETAÇÃO REMOTA

Como citado anteriormente, o serviço de interpretação remota é aquele onde as pessoas não estão no mesmo espaço e que, por meio da tecnologia, se conectam e se comunicam. Existem duas principais ferramentas para que a *tele interpretação* seja bem-sucedida. A primeira delas é o áudio. E sobre a áudio conferência, Braun (2015) conta que, por volta de 1980, as grandes empresas pensaram a interpretação via telefone, usando o alto falante como solução para a comunicação, com o intermédio de um intérprete que transita entre um idioma e outro.

Nesta ocasião, era comum que os profissionais utilizassem a modalidade de interpretação consecutiva. Furtado (2014) ressalta que um dos benefícios do recurso de áudio é que ele pode ser usado para servir à comunidade de forma menos invasiva em situações delicadas como consultas médicas ou interrogatórios. Para o autor, o ponto negativo desse recurso é que o tradutor não tem *feedback*, as questões extralinguísticas ficam inacessíveis e o profissional não tem o amparo de uma equipe.

Com o passar do tempo, outra alternativa tecnológica passou a ser usada para as interpretações neste mesmo contexto: a *interpretação remota por vídeo* chega com a possibilidade de um encontro visual e auditivo, sendo utilizada nas modalidades simultânea e/ou consecutiva. Neste formato, a interpretação também pode ser feita na modalidade direta (de língua B para língua A) e inversa (de língua A para língua B), intermediando a comunicação entre um idioma e outro, conforme a interação dos participantes vai acontecendo. A Febrapils (2020) apresenta uma alternativa para a interpretação com recurso de áudio e vídeo, porém com dois formatos diferentes. Na situação de videoconferência 1, conta-se com interpretação em uma única direção em eventos como, seminários e palestras, onde somente a janela do

palestrante e do intérprete ficam abertas, existe pouca interação entre os participantes que usufruem basicamente do recurso *chat* para se comunicar. Já na opção de videoconferência 2, compreende-se um cenário mais participativo, todos tem espaço no *layout* da tela, o intérprete intermedeia a conversa tanto na direção direta quanto na inversa mediando um evento que se pode chamar de colaborativo.

Tendo em vista essas possibilidades, conclui-se que a atuação remota, apesar de seus percalços, permite a disseminação de informações para as Comunidades Surdas e sua participação, sendo possível adaptar-se e se preparar conforme o formato do evento. Assim, esses formatos abrem o viés em relação a uma nova vertente de trabalho que precisa ser mais estudada a fim de contribuir com a área e de se repensarem os conteúdos e suas aplicações durante à formação de tradutores e de intérpretes, uma vez que cada formato de prestação de serviços de interpretação remota tem suas especificidades. As pesquisas sobre a interpretação remota na atualidade são indispensáveis, visto que permitem que se identifiquem padrões e procedimentos distintos que podem contribuir com a melhoria da qualidade da prestação de serviços e com a melhor compreensão dos diferentes encargos de interpretação remota.

Acima, apresentamos, sucintamente, a primeira interpretação remota ou por *audioconferência* (BRAUN, 2015) e as estratégias utilizadas para sua realização, bem como a análise de Furtado (2014) sobre os benefícios desse recurso e algumas reflexões iniciais sobre a atuação remota em videoconferência aplicadas aos intérpretes intermodais, assim como a nota publicada pela Febrapils (2020). Essa contextualização inicia o debate sobre a interpretação remota e as implicações da modalidade gestual-visual das línguas de sinais para a sua execução, as quais serão aprofundadas na seção a seguir.

#### 4 INTERPRETAÇÃO REMOTA E LÍNGUAS DE SINAIS

Nesta seção, a partir dos conceitos de interpretação remota, apresentados acima (MALMKJAER 2018; BRAUN 2015; MOUZOURAKIS 2006; SEEBER 2015; ROAT e CREZZER 2015), reflete-se sobre a interpretação remota de/para línguas de sinais e suas particularidades, tomando como suporte as reflexões apresentadas por Alves e Gomes (2020); Saboia, Vargas e Viva (2013); Corrêa e Cruz (2019), e, por fim, citam-se algumas empresas e soluções que foram encontradas e adotadas como estratégia, durante o período de pandemia.

Para os tradutores e os intérpretes de línguas de sinais, a tecnologia é muito bem-vinda, já que o recurso de vídeo é o elemento principal para a transmissão de uma língua gestual-visual. Ela já vem sendo utilizada há alguns anos, inclusive existem empresas que atuam especificamente com interpretação remota e com o desenvolvimento de tecnologias que possam atender, prioritariamente à comunidade surda, como por exemplo, as plataformas virtuais da <sup>4</sup>Helpvox antiga Viável Brasil (<https://www.helpvox.com.br/>), <sup>5</sup>Cils (<https://v3.icom-libras.com.br/w/smped/webview/>) e <sup>6</sup>Icom (<https://www.icom-libras.com.br/>) que oferecem interpretação simultânea por intermédio de vídeo chamadas, além disso, algumas das plataforma conta com versão Android e IOS que podem ser instaladas em *tablets*, celulares, computadores e *notebooks*.

No entanto, essas ferramentas tecnológicas vinculadas ao contexto remoto não têm o objetivo de substituir as tradicionais formas de comunicação já existentes, mas, sim, complementá-las. Além disso, servem como recurso alternativo em momentos extremos, tais como o de pandemia da covid-19, no ano de 2020, em que muitas atividades presenciais foram suspensas com o intuito de evitar a transmissão e diminuir o índice de contágio.

Alguns grupos de profissionais, cientes das demandas emergentes e sensibilizados pela falta de acesso à informação por parte das pessoas surdas, criaram canais de divulgação sobre a pandemia a fim contribuir com a Comunidade Surda. São exemplos: o canal do <sup>7</sup>YouTube Viva Mais Libras ([www.youtube.com/channel/UCP527EuxyjaQikB9216p4w](http://www.youtube.com/channel/UCP527EuxyjaQikB9216p4w)), concebido pelo servidor da UFSC, Carlos Grahamill Maciel de Moura. O grupo <sup>8</sup>Libras/Coronavírus elaborado por Ângela Russo na plataforma do Facebook

---

<sup>4</sup> Helpvox. antiga Viável Brasil .Disponível em: <https://www.helpvox.com.br/>

<sup>5</sup> Cils. Plataformas virtuais que oferecem interpretação simultânea por intermédio de vídeo chamadas. Disponível em: <https://v3.icom-libras.com.br/w/smped/webview/>

<sup>6</sup> Icom..Disponível em: <https://www.icom-libras.com.br/>

<sup>7</sup> YouTube Viva Mais Libras. Canais de divulgação sobre a pandemia a fim contribuir com a Comunidade Surda. Disponível em: [www.youtube.com/channel/UCP527EuxyjaQikB9216p4w](http://www.youtube.com/channel/UCP527EuxyjaQikB9216p4w)

<sup>8</sup> Libras/Coronavirus. Elaborado por Ângela Russo na plataforma do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/918648301921031>

(<https://www.facebook.com/groups/918648301921031>) e ainda, a <sup>9</sup>TV Ines que elaborou um quadro na plataforma do Instagram chamado Plantão Coronavírus que repassa informações acerca da pandemia diretamente em Libras (<https://www.instagram.com/tvines.oficial>)

Estes canais de comunicação que divulgam as atualizações sobre a pandemia são distintos do formato adotado para as salas de aula e web conferência, assim como ressaltam Alves e Gomes (2020), baseadas em Bakhtin (1929):

O ensino por aplicativos de vídeo, dentre as possibilidades, é o que mais se aproxima da dinâmica da sala de aula devido à interação em tempo real e por permitir o contato visual, que é essencial para a atuação do intérprete e para o entendimento do (a) aluno (a) surdo (a) quanto ao que está sendo discutido. (ALVES; GOMES, 2020, p. 7).

Este contato visual, mencionado acima, contempla também uma análise dos integrantes, as expressões faciais e corporais, reações e ações, entre outros elementos. As autoras citam a importância de todos os participantes usarem suas câmeras abertas, mas, em contrapartida, ressaltam que as resoluções das imagens podem ser comprometidas devido à sobrecarga da rede.

Para a Comunidade Surda, as tecnologias digitais contemporâneas que disponham de ferramentas de vídeo são significativas, talvez muito mais significativas do que parecem, como é o caso do *WhatsApp*, que permite o contato por meio de vídeo chamada. Com cerca de 2 bilhões de usuários ao redor do mundo, sendo 120 milhões somente no Brasil, o *WhatsApp* é considerado hoje o aplicativo mais popular do planeta.

De acordo com Saboia, Vargas e Viva (2013), o *WhatsApp* tem provocado mudanças expressivas nos hábitos e nas relações humanas, no que se refere às noções de tempo e de espaço, de forma que propicia maior interação entre pares e grupos com interesses comunicacionais afins. Com este novo recurso, os surdos começaram a ter a possibilidade de se comunicar de forma instantânea e por vídeo e, em junho de 2018, o aplicativo lançou uma ferramenta de chamadas em grupo, permitindo que grupos de até quatro pessoas se comuniquem pela plataforma.

Em Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais (CORRÊA e CRUZ, 2019) encontramos algumas pesquisas que evidenciam o fato de as tecnologias digitais de comunicação terem cada vez mais, influência no desenvolvimento sociocultural, político e linguístico dos surdos. Isto representa um novo horizonte de possibilidades, caminhos e potencialidades para a Comunidade Surda.

---

<sup>9</sup> TV Ines quadro na plataforma do Instagram chamado Plantão Coronavírus que repassa informações acerca da pandemia diretamente em Libras. Disponível em: <https://www.instagram.com/tvines.oficial>

A influência destes recursos digitais se expande para o núcleo de aprendizagem, visto que em seu processo educacional, os surdos trazem consigo bagagens e experiências de uma língua gestual-visual que tem sido, cada vez mais, difundida com o uso da tecnologia. Diante do exposto, a utilização de elementos visuais como animações, mídias e outras adaptações de linguagem, são muito bem-vindas, mesmo porque os surdos são pessoas essencialmente visuais, ou seja, sua percepção visual é fundamental em suas interações e constituição como sujeitos.

Com o atual “*boom* tecnológico”, causado por uma crise sem precedentes e associada diretamente à atual pandemia do vírus Covid-19, a tecnologia e o uso de recursos digitais nunca foi tão popular em todo o mundo. Mais do que nunca, a população mundial está conectada com estes recursos em ocasiões que vão desde o âmbito profissional e educacional aos pedidos de serviços em casa, como o *delivery* de produtos, de refeições etc. Mesmo em um mundo pós-pandemia, é de se imaginar que os reflexos socioeconômicos deste momento histórico serão sentidos pelas instituições e pelas empresas, por exemplo, que foram forçadas a migrarem para o âmbito digital, assim como pelas pessoas, inclusive as pertencentes à Comunidade Surda.

Sabe-se que a interpretação remota é uma realidade intensificada nos últimos meses, embora já venha sendo usada há tempos, seja pela sua economia, necessidade ou disponibilidade. No futuro, podemos esperar que, diante dos contínuos avanços nas estruturas de negócios e educação, essa nova forma de interação sofra um significativo aumento. Como aspectos fundamentais da interpretação remota envolvendo línguas de sinais já se destaca de antemão o fato da dependência total da imagem, visto que a língua é gestual-visual e não pode ser veiculada como áudio. Assim sendo, embora as línguas vocais-auditivas permitam a interpretação remota por meio de áudio chamadas, isso não é possível com as línguas de sinais.

Nas subseções seguintes, busca-se contextualizar as especificidades da interpretação remota em contextos de ensino, que simulam as relações de sala de aula (ALVES e GOMES, 2020), e refletir sobre a relação entre as novas tecnologias digitais e a língua de sinais (CORRÊA e CRUZ, 2019). Nesse sentido, a seguir, serão apresentadas as características da interpretação remota envolvendo línguas de sinais enquanto direito linguístico das pessoas surdas.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DE INTERPRETAÇÃO DE/ENTRE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS

No que diz respeito às interpretações remotas envolvendo línguas de sinais, dispomos, como já apresentado acima, de uma nota técnica, documento que contém orientações acerca da interpretação simultânea das línguas gestuais-visuais na modalidade remota, publicada pela Febrapils (2020). Nesta nota, tratou-se, inicialmente, com base nas Leis 10.098/2000,



10.436/2002; 13.146/2015, do direito da pessoa surda de ter e manter seu acesso às informações ofertadas através do serviço de tradução e interpretação de/para línguas de sinais.

A acessibilidade audiovisual é respaldada na vigente lei brasileira de inclusão 13.146/2015 e em Normas Técnicas Brasileiras – NBR, que no art. 147 - A § 1º indica que os materiais audiovisuais devem abarcar legendas e interpretações simultâneas em Libras. Nesse sentido, considerando a Nota da Febrapils (2020), em relação aos pontos centrais que ela estabelece, pode-se afirmar que para que se obtenha um resultado de qualidade é necessário:

#### *I – Local para realização do trabalho*

Para que a execução do *home office* possa ocorrer de modo profissional e satisfatório, existem cuidados que devem ser levados em consideração no momento de montar sua estação de trabalho. Deve-se encontrar um ambiente tranquilo, onde o trabalho será realizado sem interrupções ou transição de pessoas ou animais. O ideal é que no campo de visão do receptor o intérprete seja o único elemento em primeiro plano na imagem e atrás dele apenas uma parede de cor neutra, com no mínimo 2 metros de largura, que não tenha objetos decorativos ou móveis.

A clara visualização do intérprete é um elemento primordial para que os sinais, as expressões e demais elementos corporais sejam vistos com clareza, por esta razão cuidados com a iluminação devem ser redobrados e sempre que possível buscar por uma iluminação frontal que abranja as mãos e o rosto do intérprete, tendo cuidado para que as sombras não atrapalhem, nesse caso, é recomendado o uso de uma iluminação mais difusa.

Por último, o intérprete deve fazer uma avaliação dos ruídos em seu local de trabalho, tendo em vista que locais barulhentos podem tanto dificultar seu entendimento do assunto tratado quanto quebrar a sua concentração durante o processo de interpretação. Caso não haja necessidade de comunicação oral entre o intérprete e os demais participantes da chamada, é primordial que o intérprete mantenha seu microfone desligado impossibilitando sua interferência durante o evento interpretativo.

#### *II – Conectividade e equipamentos*

Entrando em um escopo mais técnico da interpretação remota, para minimizar problemas ocasionais de equipamento ou conexão entre intérprete e os demais participantes, os testes preventivos se tornam uma tarefa indispensável. É através deles que o intérprete entra em contato com a equipe técnica ou responsável pela transmissão e se certifica que todos os parâmetros necessários para a realização do seu trabalho estão operando de forma funcional.

Faz-se necessário que em situações de interpretação remota haja uma visualização ampla de todos os elementos que compõem o evento: seus participantes, produções e intervenções em línguas de sinais e do material de apoio por meio de telas compartilhadas. Pela

exuberância de detalhes que devem ser acompanhados pelo intérprete é aconselhável o uso de *laptops* para realização da interpretação e sempre que possível o uso de monitores e/ou TVs auxiliares que expandem a sua visualização.

Tendo isso em vista, no caso de o evento interpretativo oferecer múltiplos elementos, fica desencorajada a utilização de aparelhos celulares como equipamento principal e exclusivo do intérprete, já que seu *display* de menor tamanho pode comprometer a visualização destes elementos levando o intérprete a buscar mais aproximação do aparelho e deslocando assim a própria sinalização do enquadramento do primeiro plano da imagem.

### *III – Enquadramento e Interpretação*

Um dos pontos mais importantes dentro da modalidade de interpretação simultânea remota é o enquadramento correto do intérprete. Entre os cuidados que o intérprete deve ter em seu preparo, é recomendado que mantenha a câmera ou celular sempre em uma posição fixa, utilizando-se de tripés como recurso. No caso de aparelhos celulares, é necessário salientar que o aparelho esteja sempre na posição horizontal. A altura da câmera deve estar entre os olhos e o queixo e de preferência, confirmar se o enquadramento está do topo da cabeça até o nível dos cotovelos, já que para garantir uma boa qualidade de interpretação o distanciamento do foco do equipamento também deve ser verificado de antemão.

Levando em consideração que na interpretação remota o espaço para sinalização do intérprete é limitado, o intérprete deve manter movimentos menos alongados, respeitando o seu espaço de enquadramento. Por se tratar de uma interpretação que é feita por intermédio de uma conexão com a *internet*, movimentações aceleradas podem afetar a qualidade da captação. E o intérprete deve manter isso em mente durante suas sinalizações, já que congelamentos de imagem constantes inviabilizam ou comprometem a mensagem interpretada.

Em situações de conferências ou eventos com mais de um orador, é natural que os participantes surdos mantenham seu foco exclusivamente no intérprete, não notando assim a troca entre interlocutores, dessa maneira é essencial que o intérprete sempre sinalize quando houver alternância entre os oradores da sala, garantido uma melhor experiência e compreensão dos participantes surdos.

### *IV – Trabalho em equipe*

A interpretação remota segue a mesma orientação do trabalho presencial no tocante ao trabalho em equipe, sempre que exceder o tempo de uma hora, é necessário que haja no mínimo dois intérpretes. No entanto, a condição de trabalho requer uma cautela redobrada, pois está aberta a vulnerabilidades que não ocorrem de modo presencial, tais como a queda de conexão do intérprete durante o evento, mal funcionamento do equipamento e demais imprevistos. Essas

eventualidades podem prejudicar os participantes surdos, prejuízo que pode ser evitado caso haja outro intérprete na equipe, dando continuidade à interpretação de imediato a ocorrência dos problemas.

No que é concernente ao trabalho em equipe, as plataformas utilizadas para realização de videoconferências, muitas vezes, oferecem ferramentas de comunicação aos administradores, o que pode facilitar a comunicação entre intérpretes para confirmação de troca de turnos entre eles. Caso não tenha acesso a esse tipo de ferramentas, outro modo de sinalizar a troca de turnos é fazer uma pequena ligação para o celular do colega de equipe, apenas para indicá-lo que é o momento para troca.

#### V – *Confidencialidade*

A confidencialidade é outro fator que permanece inalterado na modalidade de interpretação simultânea remota e devem seguir os mesmos princípios que constam no “código de ética – Febrapils”.

Por estar em ambiente de *home office*, é necessário que o intérprete redobre seus cuidados, pois está em um ambiente não controlado, onde pessoas que não tem autorização para acessar aquelas informações podem estar transitando próximo a ele. Esta atenção deve ser estendida tanto aos temas tratados, aos materiais compartilhados e, até mesmo, à identidade das pessoas participantes da videoconferência.

Um método cada vez mais comum é o envio de um termo de confidencialidade que deve ser assinado como garantia do sigilo de documentos, informações, gravações de áudios e vídeos. Os tópicos aqui expostos levantam a reflexão sobre as características dessa modalidade de interpretação, os requisitos fundamentais para a execução do trabalho e uso das tecnologias bem como as especificidades em relação à interpretação intermodal entre línguas vocais-auditivas e gestuais-visuais.

Quadro 4 - Características da interpretação remota em relação à direcionalidade.

<b>Interpretação simultânea remota da Libras para o português (direta)</b>	<b>Interpretação simultânea remota do português para a Libras (inversa)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- recepção em vídeo (língua gestual-visual) e produção em áudio (língua vocal-auditiva);</li> <li>- dependência de um sistema de captação de vídeo com alta qualidade (tela com quantidade adequada de polegadas);</li> <li>- dependência de um sistema de reprodução de áudio de qualidade (microfones);</li> <li>- internet com qualidade de conexão.</li> <li>- local silencioso, sem ruídos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- recepção em áudio (língua vocal-auditiva) e produção em vídeo (língua gestual-visual);</li> <li>- dependência de um sistema de captação de áudio com alta qualidade (fones, de preferência);</li> <li>- dependência de um sistema de reprodução de vídeo de qualidade (<i>webcam</i>);</li> <li>- internet com qualidade de conexão</li> <li>- mais de um dispositivo para trabalhar em equipe (celular ou <i>tablet</i>)</li> <li>- fundo de cor neutra e boa iluminação.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora.

Na próxima subseção, debatem-se as características da interpretação intermodal e os conhecimentos acerca das novas tecnologias utilizadas no contexto da atuação remota.

## 4.2 INTERPRETAÇÃO INTERMODAL E TECNOLOGIA

A tradução ou interpretação intermodal, como já mencionado acima, é aquela que se dá entre línguas de modalidades diferentes em que uma língua é articulada pelo canal vocal-auditivo e a outra pelo gestual-visual. Para a realização de uma tradução intermodal, segundo Rodrigues (2018), são necessárias duas competências por parte do profissional, a primeira é aplicada na direção direta, ou seja, da Libras para o português (quando os intérpretes são ouvintes tendo como L1 o português e como L2 a Libras), descrita como habilidade que exige aptidão visual cognitiva para compreender os elementos visuais espaciais da sinalização do outro. No entanto, quando na direção inversa, de português para a Libras, são indispensáveis as habilidades corporais motoras para a produção das línguas de sinais. Já no que diz respeito às tecnologias, Albir (2005) destaca a importância das *subcompetências* instrumentais que estão diretamente ligadas à operacionalização de máquinas e uso de tecnologia na tradução, já que esse é um dos componentes da competência tradutória.

Nesse sentido, é importante considerar que os tradutores e os intérpretes intermodais precisam desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes que muitas vezes são distintas, como apontado acima por Rodrigues (2018). Além disso, o uso que fazem da tecnologia também não é o mesmo, haja vista que as tecnologias empregadas na tradução não são as mesmas necessárias a interpretação. Como já indicamos antes, a direcionalidade em que se dará a interpretação também impactará a competência requerida do profissional. Nesse sentido, é importante reiterar que aqui nosso foco é a interpretação simultânea intermodal, ainda que em alguns momentos também seja mencionada a tradução.

Retomando o que já foi dito nas seções anteriores, os campos disciplinares dos ET e dos EI tem objetos de investigação diferentes porque a atividade de tradutores e de intérpretes é distinta. Rodrigues e Santos (2018), por exemplo, ao abordar a tradução e a interpretação nos serviços públicos fazem questão de elencar em um quadro comparativo as demandas de atuação de tradutores e interpretação no âmbito da educação, da saúde e da justiça. Com base na diferenciação entre tradução e interpretação, apresentada nas seções anteriores, e nas demandas específicas que elas possuem, segundo Rodrigues e Santos (2018), é possível falar diferentes profissionais — intérpretes educacionais e tradutores educacionais, por exemplo — ainda que em diversos momentos um mesmo profissional possa acumular as duas funções. Entretanto, ao

contrário do que se pensa, é importante entender que tradutores e intérpretes possuem funções bem distintas em qualquer âmbito profissional, pois encargos de tradução e encargos de interpretação possuem características operacionais e cognitivas distintas. Nesse sentido, nos interessa, aqui, investigar a interpretação intermodal remota, realizada no âmbito da educação — portanto, não enfocaremos a tradução —, mais especificamente no Programa de Educação Tutorial da UFSC, como já dito.

O recorte de análise, ou seja, as webs conferências realizadas no PET-Letras em que a interpretação simultânea intermodal, Libras-português, esteve presente. Esse tipo de interpretação remota é diretamente dependente da tecnologia e, por sua vez, demanda o domínio de conhecimentos, habilidades e atitudes específicas dos profissionais da interpretação para lidar com uma série de recursos virtuais. Sendo assim, a seguir, prosseguimos com a reflexão sobre a relação entre a interpretação intermodal e a tecnologia, com base nas experiências empíricas da autora, nos conhecimentos e nas habilidades tecnológicas requeridas para a atuação de forma remota. Vejamos alguns recursos tecnológicos que podem ser empregados na interpretação remota, os quais são apenas um exemplo da dependência tecnologia desta.

Quadro 5 - Conhecimentos e habilidades para atuação remota.

<b>Ações</b>	<b>Equipamentos</b>
Acessar plataformas/logar.	Notebook Avell core 17+ 8th Gen.
Controle ativar/desativar áudio	Microfone lapela entra P2
Controle ativar/desativar vídeo	Tripé para celular
Ajustar enquadramento	Iluminação
Interações via chat	Fones de ouvido com cancelador de ruído. Preferencialmente bluetooth sem fio.
Feedback escrito	Conexão de internet, com alta taxa de transmissão e recebimento.
Feedback visual	Cabo RJ45
Configurações de tela	Fundo com cores neutras (Chroma verde ou na cor branca)
Acesso à <i>internet</i>	Roteador
Captação de imagem	Webcam de boa qualidade

Fonte: elaborado pela autora.

Acima descreve-se de forma genérica (Quadro 5), os passos a serem empregados no uso das tecnologias para a interpretação remota intermodal. Essas características, para além das delimitações enquanto interpretação intermodal (RODRIGUES; SANTOS, 2018), dizem respeito a uma expansão para as ações na interpretação intermodal remota, com os conhecimentos e habilidades tecnológicas necessárias aos intérpretes bem como as ferramentas

e componentes dos equipamentos a serem utilizados para a legibilidade da produção em Libras por parte do público surdo, no caso da interpretação inversa do português para a Libras.

Sabe-se que ao ingressar no atual mercado de trabalho dos serviços de tradução e de interpretação, os intérpretes devem possuir familiaridade com as plataformas e equipamentos empregados nos mais distintos tipos e modalidade de tradução e de interpretação para que seja possível atender demandas distintas da área e, por sua vez, corresponder às exigências do mercado. Para que a realização da interpretação remota aconteça com sucesso, recomenda-se que o profissional possua uma estrutura tecnológica básica, tendo consciência de que precisará aliar a essa prática interpretativa o domínio da tecnologia.

Diante do exposto, a flexibilidade ao lidar com novas tecnologias — que continuam surgindo a todo o momento — é sem dúvidas uma das principais habilidades que os intérpretes devem adquirir se quiserem permanecer competitivos no mercado atuando de forma remota. A base da estrutura necessária para este tipo de atuação seria composta dos seguintes itens, como indicado acima: uma rede de *internet* de alta qualidade; um aparelho celular e/ou um *notebook/computador* com agilidade para suportar os *softwares* utilizados e os dispositivos de áudio e vídeo, incluindo equipamentos de iluminação, por exemplo: itens indispensáveis se tratando, principalmente, de trabalho com línguas de modalidade gestual-visual.

Embora os itens, anteriormente listados, correspondam às necessidades básicas das demandas remotas, é possível realizar *upgrades* para aprimorar os recursos da máquina, seja de forma interna, com a substituição de peças de *hardware* para um melhor rendimento, ou se tratando de equipamentos periféricos como fones de ouvidos com microfone, fones de ouvidos *bluetooth*, microfones de lapela e *webcams* com maior qualidade de pixels, entre outros.

Ao pensar sobre a *interpretação intermodal sinalizada* (indireta, do português para a Libras), ou seja, atividade que requer habilidades corpóreas motoras para a produção das línguas de sinais (RODRIGUES, 2018), é indispensável que além dos equipamentos que permitam realizar o serviço de interpretação, haja a preocupação para que o local onde o intérprete atua tenha uma iluminação adequada e, se possível, um fundo neutro ou mesmo um *chroma-key*<sup>10</sup>. Nos casos em que os intérpretes não disponham de computadores/notebooks e utilizem o celular para transmissão de áudio e vídeo, é necessário que o local conte com algum suporte para que o aparelho permaneça em posição horizontal — modo paisagem. Nestes casos, é recomendado que o profissional utilize um tripé de mesa para celular que permita o ajuste de enquadramento na câmera.

---

<sup>10</sup> *Chroma-key* – Trata-se de uma técnica de efeito visual utilizada para fotografia ou vídeo, na qual se utiliza de fundo as cores azul ou verde, sendo possível substituir o fundo da forma que desejar e ajustar o enquadramento através do recorte.

A utilização dos aparelhos celulares nesse tipo de atividade interpretativa pode ser uma boa alternativa, principalmente no que se refere ao custo financeiro dos equipamentos. Entretanto, algumas dificuldades podem ser encontradas, como, por exemplo, a limitação do campo de visão do intérprete, no que se refere à visualização da câmera de outros participantes, impossibilitando em alguns casos, que o profissional receba apoio durante a sinalização. Utilizando um computador ou *notebook* para este trabalho, é possível acompanhar o *chat* e as interações na sala on-line, quando for o caso.

Para a realização da *interpretação intermodal vocalizada* (direta, da Libras para o português), ou seja, atividade que requer habilidade que exige aptidão visual cognitiva para compreender os elementos visuais espaciais da sinalização do outro (RODRIGUES, 2018), o intérprete deve testar previamente o microfone interno do computador para saber se está audível aos demais participantes e, caso o volume seja muito baixo ou haja ruídos que interfiram a comunicação, se faz necessário a utilização de um microfone externo.

Existem muitos tipos e modelos de microfone, desde fones de ouvidos com microfone embutido — que dependem da proximidade para uma melhor captação de áudio — até microfones de lapela, com modelos simples que são compatíveis com celulares e computadores e também modelos mais profissionais.

Outra alternativa inteligente para suprir estas necessidades é a aquisição de fones de ouvido conectados por *bluetooth*, que atualmente vem com o microfone integrado e que eliminam os fios que, muitas vezes, interferem durante a realização da interpretação ou influenciam no enquadramento dos intérpretes diante da câmera por limitar seu deslocamento e movimento. O ideal é que o profissional opte por um produto com qualidade superior e que tenha, no mínimo, um sistema ou filtro antirruído, para reduzir os sons externos.

De forma resumida, entende-se que dispor de tecnologias adequadas e saber manejá-las é fundamental, assim como boa *internet*, boa *webcam*, iluminação e um fundo *chroma-key* ou neutro, para destacar a sinalização do profissional, no caso da sinalização, e, também, um bom equipamento com captação de áudio, no caso de vocalização.

Além de todos estes equipamentos, uma reunião bilíngue que tem o par linguístico Libras-português, ou seja, línguas de modalidade diferentes demanda o uso de plataformas que disponham dos recursos áudio e vídeo, assim, abaixo há uma lista de plataformas, por onde é possível fornecer o serviço de interpretação. Diante de tantas possibilidades, as plataformas mais populares são:

Quadro 6 - Funções das plataformas de transmissão.

<b>Recursos</b>	<b>RNP Webconf</b>	<i>Skype</i>	<i>Google Meet</i>	<i>Discord</i>	<i>Zoom</i>	<i>Microsoft Teams</i>
Gratuito	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Instalação necessária?	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
Participantes Com câmera ativas	12	50	100	15	100	1000
Transmissão ao vivo	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
Chat de texto	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Controle de áudio de participantes	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM
Gravação	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM
Compartilhar tela	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Transferência de arquivo	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Plataformas	PC	PC / MOBILE	PC / MOBILE	PC / MOBILE	PC / MOBILE	PC / MOBILE

Fonte: elaborado pela autora.

Acima temos um levantamento (Quadro 6) com as principais plataformas utilizadas pelos intérpretes no contexto de interpretação intermodal remota. Com base na experiência da autora do presente trabalho pode-se reunir acima algumas características centrais no uso dessas plataformas as quais trazem implicações à atuação no par linguístico Libras-português.

A primeira coluna, em destaque, aglomera as informações sobre o RNP Webconf., a plataforma utilizada nas demandas do PET-Letras UFSC que constitui a fonte de dados do presente trabalho. A plataforma apresenta como facilidades de uso e acesso: a gratuidade, não necessita instalação, permite a transmissão de vídeo, *chat* de texto, controle de áudio, gravação, compartilhamento de tela, transferência de arquivo e mobilidade entre plataformas.

Por outro lado, a única limitação do RNP Webconf em relação às demais plataformas é a quantidade de participantes com a câmera aberta, ou seja, apenas 12 pessoas. Ainda que seja possível contar com até 250 participantes, apenas doze câmeras podem ser abertas simultaneamente. Outra plataforma com as mesmas restrições é o Discord, criada originalmente apenas para *chat* de áudio. A limitação é compreensível, levando em consideração a demanda



de processamento e o volume de webconferências disponíveis para esses tempos de ensino remoto, porém pode ser um fator impeditivo à acessibilidade para pessoas surdas.

As questões aqui discutidas tratam da tradução intermodal e sua compatibilidade com as tecnologias, com intuito de apresentar os equipamentos e plataformas mais apropriados para cada contexto. Na próxima seção, será apresentada a plataforma utilizada para os encontros do PET-Letras – UFSC, principal fonte para esta pesquisa.

### 4.3 A PLATAFORMA DE WEB CONFERÊNCIA USADA PELO PET-LETRAS

Nesta seção é descrita a plataforma escolhida, RNP *Webconf.*, para que fossem realizados os encontros virtuais do PET-Letras, detalhando os procedimentos de configuração para acesso, *layout*, e muitas outras funções.

Para ter acesso aos serviços da plataforma webconferência da RNP, basta estar vinculado à uma instituição de ensino brasileira e estar liberado institucionalmente para ter acesso às funcionalidades da plataforma. Após isso, é possível criar uma sala de reuniões, a qual para ser acessada por qualquer pessoa demanda apenas seu *link*. Assim sendo, os usuários podem ou não realizar um *login* pessoal, criado por meio do cadastro no site CAFe – Comunidade Acadêmica Federada, ou, sem realizar esse *login*, pode-se acessar somente digitando o nome e solicitando a entrada na sala. Vale salientar que o *link* utilizado, no caso do PET-Letras, era fixo, ou seja, havia a possibilidade de salvar nos favoritos do navegador e entrar quando necessário, além da possibilidade de se cadastrar na Comunidade criada para esse fim.

Figura 4 - Tela inicial de ingresso à sala de reuniões RNP.

Seja bem-vindo à sala de reuniões: **PET-LETRAS**  
**UFSC**

Esta é uma conferência pública. O estado atual da reunião é:  
**não iniciada**

Para participar, faça login abaixo

**Login**

<p>Já tenho uma conta</p>  <p>Entrar</p> <p>&gt;&gt; Minha conta não é federada</p> <p>ou conectar com</p> <p> Facebook  Google</p>	<p>Não tenho uma conta</p> <p>Seu nome completo</p> <p>Entrar</p>
--	---

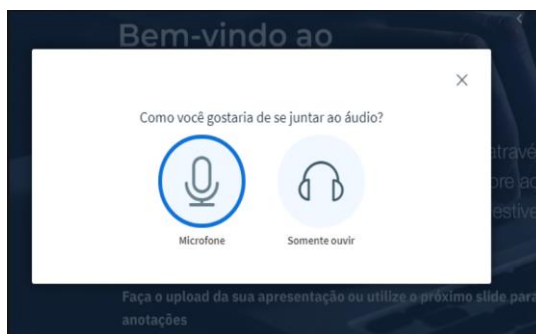
Fonte: <https://conferenciaweb.rnp.br/>

Ao ingressar na sala de reuniões *on-line*, é necessário realizar algumas configurações de autorização e ajuste de áudio, microfone e *webcam*. A plataforma tem uma limitação, no que diz respeito a quantidades de câmeras que podem ficar abertas, sendo assim, nesta ocasião, a prioridade era de que apenas quem fosse ministrar a fala, juntamente com os intérpretes, ficassem com a câmera aberta, pois, também, foi identificado que, possivelmente, o sistema não tinha suporte para que todos ficassem visíveis, o que tornava a plataforma lenta para alguns usuários e prejudicava o andamento das atividades.

Uma informação importante é a possibilidade de fixar a visualização da câmera de um participante, essa opção permite que a janela fique um pouco maior ao se clicar em cima do nome do participante e selecionar a opção “focar” — o que foi sugerido aos surdos que acompanhavam as atividades para que tivessem uma melhor visualização.

A disposição da plataforma é organizada da seguinte forma: no canto esquerdo, no formato de coluna, é possível visualizar duas opções: o bate-papo público e as notas compartilhadas e abaixo os participantes que estão presentes. Na tela ao lado, de acordo com a opção selecionada, é possível acompanhar o bate-papo público e interagir com todos os participantes.

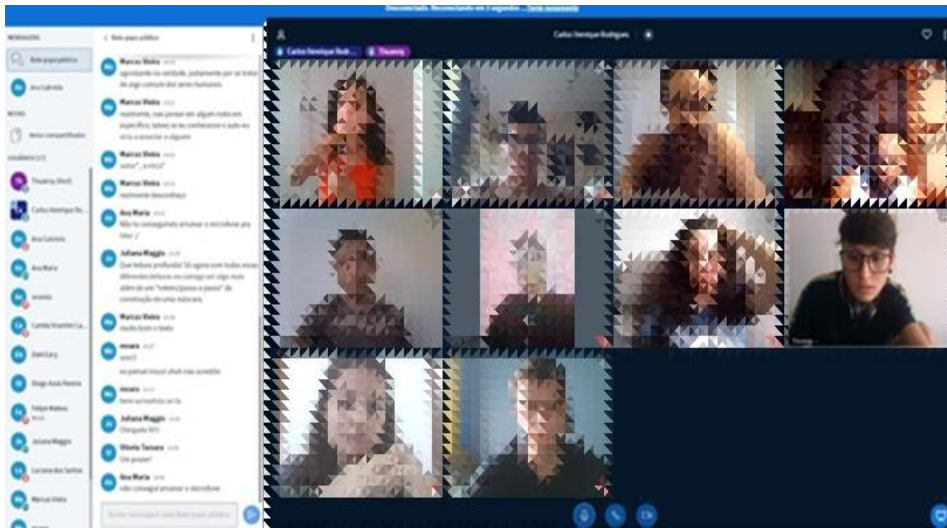
Figura 5 - Configurações de microfone/áudio na sala de reuniões RNP.



Fonte: <https://conferenciaweb.rnp.br>.

As notas compartilhadas são informações relevantes que podem ser inseridas por qualquer usuário se houver necessidade, mas, também, é possível ocultar ambas. Também há possibilidade de iniciar uma conversa privada com algum dos participantes da sala apenas clicando sobre o nome do participante e selecionando a opção “*chat privado*”, desta maneira é possível visualizar ao lado, assim como as opções descritas anteriormente.

Figura 6 - Layout de elementos na sala de reuniões RNP.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em seguida, ao lado do bate-papo com um espaçamento maior é o local onde é possível abrir a câmera e/ou inserir slides de apresentação e ativar demais recursos (compartilhar vídeo externo, compartilhar tela do computador etc.). É importante ressaltar também que existe a possibilidade de gravação da tela durante toda *web* conferência, mas esta função só pode ser utilizada pelo administrador da sala que deve estar autorizado por sua instituição de origem.

Figura 7 - Layout da tela fixada na plataforma RNP.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O debate iniciado nesta seção tem como propósito tratar sobre a interseccionalidade entre tecnologia e tradução, mais especificamente, explicar as características da interpretação

intermodal (RODRIGUES, 2018) e as habilidades tecnológicas necessárias a ela, as quais são distintas em função das questões de direcionalidade da interpretação.

Para as habilidades corporais motoras para a produção das línguas de sinais, é necessário um equipamento de áudio adequado à recepção da voz e que permitam sua interpretação para língua de sinais, a qual demanda equipamentos de captação de vídeo e iluminação que deem conta das nuances da sinalização. E para as habilidades que exigem aptidão visual cognitiva para compreender os elementos visuais espaciais da sinalização do outro, são necessários não apenas uma tela com resolução adequada que permita a melhor visualização da sinalização e produção da vocalização que depende de equipamentos que deem conta da captação de áudio com menor grau de ruído possível.

As discussões aqui levantadas oferecem reflexões iniciais sobre o tema e as funcionalidades que as plataformas oferecem e serão contextualizadas e aprofundadas nas próximas seções, na descrição da metodologia utilizada para a análise das webconferências do PET-Letras – UFSC, fonte de dados que compõe o presente trabalho.

## 5 ANALISANDO UMA EXPERIÊNCIA ATUAL DE INTERPRETAÇÃO INTERMODAL REMOTA

Nesta seção, apresenta-se, primeiramente, as perspectivas metodológicas da pesquisa desenvolvida, evidenciando sua abordagem qualitativa e a perspectiva de estudo de caso. Apresentam-se as características da pesquisa e as etapas seguidas no decorrer da construção deste trabalho. Em seguida, situou-se a pesquisa, apresentando-se o PET-Letras e o processo de seleção das *web* conferências que serviram como base dos dados aqui descritos e analisados.

### 5.1 PERCUSO METODOLÓGICO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Pode-se considerar que esta pesquisa se constitui como qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), essa abordagem é composta por cinco características (Quadro 7), sendo possível que elas variem conforme as delimitações metodológicas e as demais variáveis acordadas no planejamento das ações pelo pesquisador. Portanto, a pesquisa qualitativa é a abordagem que abrange a riqueza e a complexidade do tema do presente trabalho, no sentido de levar em consideração os aspectos históricos, políticos e sociais que englobam a fonte de dados.

Visto que, neste trabalho, estão descritas as experiências empíricas na atuação intermodal educacional remota, se faz necessária uma abordagem de pesquisa que dê conta de sustentar um contexto atípico, como o vivenciado pela autora na atuação em meio ao trabalho remoto em virtude da Covid-19, e contemple um plano flexível de execução das ações tal qual a experiência vivenciada. Estão descritas e elencadas as cinco características da abordagem qualitativa Bogdan e Biklen (1994):

Quadro 7- Características da pesquisa qualitativa

	<b>CARACTERÍSTICA</b>	<b>PROCEDIMENTOS ADOTADOS</b>
1 <sup>a</sup>	A perspectiva do pesquisador como foco e o ambiente natural como fonte de dados	A pesquisa se propõe a descrever a atuação intermodal remota do PET-Letras da UFSC, uma demanda realizada em um contexto extraordinário em função da crise provocada pela COVID-19.
2 <sup>a</sup>	Tem caráter descritivo	Descreve-se a experiência na atuação remota em três webconferências e buscam-se evidências com caráter empírico sobre as implicações dessa de atuação.
3 <sup>a</sup>	O foco está no processo e não apenas no resultado	Investiga-se a perspectiva da atuação nesse contexto, o caminho e as estratégias utilizadas ao longo do percurso e se repensam as características da interpretação intermodal remota.
4 <sup>a</sup>	A análise dos dados indutiva	Realizou-se a seleção do referencial teórico, a delimitação das fontes de dados, a seleção de três webconferências, seguida pelos critérios metodológicos. Verificaram-se, de forma empírica, as orientações para a atuação nesse contexto de interpretação simultânea remota para a Libras e se identificaram traços de uma possível competência intermodal remota.
5 <sup>a</sup>	O significado é primordial.	Relacionou-se a experiência dessa demanda de interpretação com registro on-line em um contexto atípico que demanda conhecimentos e habilidades específicas para os intérpretes intermodais e a perspectiva da autora, como participante ativa, em busca do significado da interpretação remota intermodal e da relevância do estudo.

Fonte: elaborado pela autora.

As características da pesquisa qualitativa podem ser vistas em cada um dos passos apresentados acima. É importante perceber que a pesquisa seguiu com uma lógica de construção gradativa em que se realizou uma interpretação dos dados a partir das diferentes perspectivas e nuances desta experiência de interpretação intermodal educacional remota — com a possibilidade de se colocar enquanto pesquisador — observada nas webconferências que se encontram disponibilizadas on-line no canal do YouTube do PET Letras da UFSC (<https://www.youtube.com/user/PetLetrasUFSC>).

Por se tratar de uma demanda de atuação específica, é possível considerar que o trabalho se configura como estudo de caso (GIL, 2002), ou seja, tem como proposta analisar a singularidade de um acontecimento, nesse caso, a interpretação intermodal remota no âmbito do PET-Letras UFSC durante a pandemia da COVID-19 no sentido de se buscar evidências empíricas sobre traços que compõe a competência tradutória educacional intermodal remota. Nesse sentido, seguiram-se sete etapas, são elas: (1) formulação do problema; (2) definição da unidade-caso; (3) determinação do número de casos; (4) elaboração do protocolo; (5) coleta de dados; (6) avaliação e análise dos dados; e (7) preparação do relatório.

Conforme o proposto, a seguir, um quadro com as informações e etapas da presente pesquisa:

Quadro 8- Características do estudo de caso

	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PROCEDIMENTOS ADOTADOS</b>
1ª ETAPA	Formulação do problema	Como se dá a atuação interpretativa intermodal remota no atual contexto de pandemia da COVID-19: (i) quais os conhecimentos e as habilidades se fazem necessários para interpretação remota; e (ii) quais as implicações desse contexto virtual para a atuação de intérpretes de Libras-português?
2ª ETAPA	Definição da unidade-caso	Experiências vivenciadas na atuação intermodal remota no PET-Letras e registradas em vídeo.
3ª ETAPA	Determinação do número de casos	Três eventos interpretativos simultâneos intermodais remotos no âmbito do PET-Letras da UFSC.
4ª ETAPA	Elaboração do protocolo	Observação dos aspectos operacionais da atuação intermodal remota para inferências sobre as demandas cognitivas, físicas, tecnológicas, atitudinais etc. decorrentes dela.
5ª ETAPA	Coleta de dados	Seleção de três webconferências do PET-Letras para disponíveis em vídeo.
6ª ETAPA	Avaliação e análise dos dados	Contraste entre as orientações para o trabalho remoto da Nota Técnica sobre interpretação simultânea remota para a Libras da Febrapils e as situações interpretativas com vistas a compreensão de suas singularidades e implicações no que se refere a competência requerida dos profissionais e demais aspectos operacionais.
7ª ETAPA	Preparação do relatório	Produção do texto de acordo com os padrões e normas da instituição.

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo a perspectiva de Ventura (2007), esse tipo de pesquisa possui vantagens em relação as suas possibilidades, visto que a flexibilidade dessa modalidade permite ao pesquisador definir os procedimentos a serem adotados com foco nas múltiplas dimensões do problema, permitindo uma análise profunda e delimitada. Por outro lado, a autora pontua que uma das dificuldades desse método é o risco na generalização na etapa de análise dos dados. A fim de se minimizar as fraquezas e potencializar os pontos fortes desse método, é fundamental se voltar para o planejamento e delimitação dos passos para a execução do plano de estudo e monitorar o cumprimento das etapas com devido rigor metodológico.

Ventura (2007) ressalta ainda que se pode, através de uma intensa e contínua exploração do conteúdo, organizar dados e os segmentar de maneira única e completa trazendo à tona aspectos intrínsecos de uma experiência individual. Além disso, Yin (2014) reconhece a pesquisa qualitativa como aquela que descreve, explora ou explana o que é empírico. Nesta ocasião, o propósito desta pesquisa foi o de descrever a experiência da interpretação remota,

uma “modalidade” que aos poucos vem sendo explorada, mas que de certa maneira sofreu aceleração devido à condição mundial experimentada na atualidade.

Nesta subseção, apresentou-se a pesquisa evidenciando sua abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN 1994) e perspectiva de estudo de caso (GIL, 2002), retomando as questões norteadoras. A seguir, na próxima subseção, contextualizam-se dos dados referentes às três das conferências realizadas no PET-Letras UFSC.

### 5.1 SITUANDO A PESQUISA: ENCONTROS ON-LINE DO PET-LETRAS UFSC

Como já mencionado antes, a pesquisa se deu no âmbito do Programa de Educação Tutorial, mais conhecido por meio da sigla PET, que é um programa do Governo Federal do Brasil que visa o estímulo das atividades de pesquisa, ensino e extensão universitárias, com foco em estudantes de cursos de graduação. O objetivo deste programa é fomentar um processo de formação integral para os estudantes participantes, promovendo desta forma um maior aprofundamento sobre os conteúdos estudados e uma experiência com ensino, pesquisa e extensão através de uma metodologia que proporciona autonomia aos seus integrantes. O PET promove um espaço acadêmico onde se compartilham discussões, debates e experiências entre os envolvidos, a partir de reflexões sobre as diferentes áreas do conhecimento.

O PET-Letras UFSC foi criado em 1992, sob a coordenação do Prof. Dr. José Luís Meurer, professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras na época. Na década seguinte, o Prof. Dr. Cláudio Cruz do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas assumiu a tutoria do PET-Letras, trazendo uma proposta mais inclusiva e comprometida para o programa. No decorrer dos anos, diferentes professores dos departamentos de Letras da UFSC assumiram a tutoria. A atual coordenação do PET-Letras está sob a responsabilidade do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues Departamento de Língua Brasileira de Sinais, contando com a implementação de novas metodologias de trabalho, propiciando ações que visam a construção de um PET mais acessível aos estudantes com deficiência.

Neste período de pandemia, o PET-Letras ofereceu diversas atividades de forma *on-line*, contando com encontros virtuais, oficinas, reuniões e ciclos de diálogos, os quais ocorreram diariamente entre 13h00min. e 16h00min., todas acessíveis em Libras. Por esse motivo, o professor responsável pediu à coordenação de intérpretes da UFSC a alocação de profissionais e diante de tal solicitação foram escalados dois intérpretes para revezar durante a semana e atuar como suporte à discente bolsista de acessibilidade, intérprete-em-formação, durante todas as atividades.



A investigação da experiência de interpretação intermodal remota no PET-Letras da UFSC teve a finalidade de, também, identificar os desafios e as estratégias do trabalho em equipe, evidenciando as soluções encontradas para exercer a atividade de maneira remota. Vale mencionar que essa experiência atípica fez a equipe abrir seus horizontes para experienciar novas possibilidades da atuação virtual e ainda propiciou novas reflexões para exercer as interpretações de modo a evitar danos e perdas contextuais para o público receptor.

Nesses encontros on-line do PET-Letras, participaram os bolsistas surdos e ouvintes, o professor responsável Dr. Carlos Henrique Rodrigues, os intérpretes de línguas de sinais e um palestrante convidado, que contribuiu com o assunto proposto para o dia. Essas reuniões aconteciam por meio da plataforma RNP *Webconf.*, eram gravadas e, posteriormente, postadas no canal do YouTube e disponibilizadas no *site* <https://petletras.paginas.ufsc.br/> para que o público interessado pudesse acessar o material.

Os dados utilizados para este estudo de caso foram aqueles disponibilizados no *site*, o que corresponde a um total de treze vídeos com temáticas variadas. Deste conjunto, foram selecionados três vídeos que serviram como dados da atividade interpretativa remota, que a seguir serão analisados com base na Nota Técnica sobre interpretação simultânea remota para a Libras (2020) e em conceitos e perspectivas teóricas já apresentados anteriormente.

Abaixo (Quadro 9), é possível visualizar os encontros que foram gravados e disponibilizados no *site* e as temáticas propostas que, posteriormente, serviram de base para a pesquisa.

Quadro 9- Descrições acerca dos encontros online do PET-Letras

<b>Tema</b>	<b>Convidados</b>	<b>Intérpretes</b>	<b>Data</b>	<b>Duração</b>
<b>Necropolítica no Brasil</b>	<b>Ana Luiza Guimarães</b>	<b>Thuanny Galdino Ana Gabriela Santos Stefany Pereira</b>	<b>08/07/2020</b>	<b>1:18:40</b>
Yoga: do tapetinho para a vida	Ana Gabriela Santos Marília Duarte	Thuanny Galdino Anderson Rodrigues	26/06/2020	1:21:31
<b>Uma abordagem da literatura erótica contemporânea</b>	<b>Paola Nichele</b>	<b>Thuanny Galdino Ana Gabriela Santos</b>	<b>19/06/2020</b>	<b>53:20</b>
Legendagem on-line: as funcionalidades do <i>YouTube Studio</i>	Vitória Tassara	N/A	02/06/2020	9:12
Identidade(s) e Alteridade(s) em Conceição Evaristo: uma leitura do conto 'Maria do Rosário Imaculada dos Santos	Nicole Rabello	Ana Gabriela Santos Anderson Rodrigues	15/06/2020	1:21:40
Democracia em Vertigem: A negociação da subjetividade no gênero documentário	Leonardo Chetto Vinícius de Queiroz	Thuanny Galdino Ana Gabriela Santos	10/05/2020	40:02

<b>O documentário <i>CripCamp</i>: revolução pela inclusão</b>	<b>Ana Santiago</b>	<b>Thuanny Galdino Ana Gabriela Santos</b>	<b>05/06/2020</b>	<b>1:21:08</b>
Conceitos freudianos fundamentais e psicanálise	Fabício Silva	Ana Gabriela Santos Anderson Rodrigues Carlos Rodrigues	04/06/2020	1:19:32
O documentário 13ª Emenda: reflexões sobre o sistema penal e o debate racial	Maju Ananias	Thuanny Galdino Ana Gabriela Santos	26/05/2020	32:09
Arqueologia, uma ciência que busca a humanidade através de seus vestígios	Camila Jácome	Thuanny Galdino Ana Gabriela Santos	18/05/2020	52:08
A trans-formação histórica de conceitos centrais à sociedade	Edmar Luís da Silva	Thuanny Galdino Ana Gabriela Santos	20/05/2020	44:38
O Xadrez é bem mais que um jogo	Andréia Gomes Araújo	Ana Gabriela Santos Anderson Rodrigues	19/05/2020	39:15
Uma (re)leitura da Diversidade	Lucyenne Viera-Machado	Ana Gabriela Santos Anderson Rodrigues	15/05/2020	49:50

Fonte: elaborado pela autora.

A partir deste material, foram selecionadas três videoconferências para análise e descrição (destacadas em negrito acima), a saber: (i) Necropolítica no Brasil; (ii) Uma abordagem da literatura erótica contemporânea; e (iii) Documentário *CripCamp*: revolução pela inclusão. No apêndice deste trabalho, há descrições de cada uma das videoconferências selecionadas para a análise, junto de um quadro que contém os problemas tradutórios que os TILS encontraram durante a atividade interpretativa e as estratégias que foram viáveis no contexto remoto.

Vale ressaltar que todas os intérpretes ficavam com a webcam ligada, mas os revezamentos eram de 15 em 15 minutos. Utilizava-se do recurso chat privado para avisar previamente sobre a troca e do sinal de “TROCAR” como complemento visual e para localizar o sujeito surdo, sendo que o apoio vinha da intérprete que traduziria a seguir. Como por exemplo: interprete1 interpreta enquanto intérprete 2 é apoio; Em seguida intérprete 2 atua e intérprete 1 fica de apoio e assim sucessivamente.

Não obstante, era de praxe que o professor realizasse reuniões pós-interpretação com as duplas a fim de analisar e refletir sobre a prática interpretativa e identificar os pontos positivos e negativos, objetivando possíveis melhorias e o desenvolvimento de estratégias para ocasiões futuras. Estas reuniões foram essenciais para que os intérpretes, a partir das dificuldades e problemas tradutórios, criassem combinações para atuar com apoio de forma remota.

Deste modo, apresenta-se um relato descritivo que contém uma análise das escolhas e estratégias adotadas durante a atuação interpretativa dos profissionais intérpretes em conjunto

com a bolsista intérprete-em-formação, que atuou na função de intérprete de Libras-Português. Desta maneira, o trabalho em equipe se fez indispensável não apenas pela dinâmica da atividade interpretativa em si, mas, também, devido ao horário extenso de atuação, o que demandava mais revezamento e apoio entre um intérprete e outro.

Na próxima subseção, continuação desta, descrevem-se, a partir das categorias delimitadas na Nota Técnica da Febrapils (2020), já apresentadas acima, as vídeo conferências selecionadas.

## 5.1 A CONFIGURAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERPRETAÇÃO REMOTA

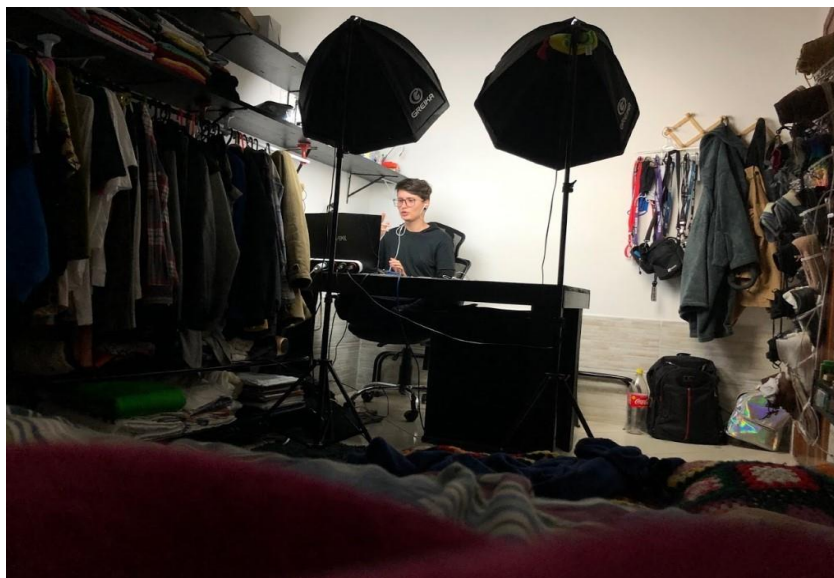
Nesta seção, estão descritas e comentadas as percepções da autora ao longo do processo de análise das três webconferências — a saber: Necropolítica, Uma abordagem da literatura erótica contemporânea e CripCamp: revolução pela inclusão —, a partir das sugestões da Nota Técnica sobre interpretação simultânea remota para a Libras (2020), especificando as questões sobre a interpretação realizada nos encontros em formato de *home office*. As descrições e reflexões a seguir, partem da perspectiva da pesquisadora. Nesse sentido, as condições apresentadas referem-se à realidade experienciada pela pesquisadora, a qual, acredita-se, que se aproxime a dos demais intérpretes.

### I – Local para realização do trabalho

Durante a execução do trabalho do PET-Letras em *home office*, a estrutura disponível para atuação era o quarto, conforme se pode ver abaixo (Figura 9). Esse cômodo era o local mais tranquilo da casa. No entanto, o ambiente estava sobrecarregado de informações e não dispunha de muito espaço em relação à metragem da parede. O local foi adaptado visando que não houvesse interferências externas — tal como: movimentação de pessoas na parte de trás da câmera — e para que houvesse uma parede na cor neutra como fundo (branco).

O espaço é pequeno, mas com os ajustes adequados foi possível enquadrar o intérprete do modo sugerido pela Febrapils (2020). A iluminação foi ajustada com o intuito de que a profissional fosse vista da melhor forma possível, uma vez que a luz do quarto não era suficiente, foram adicionados dois tripés com *softbox* com 550w para melhorar a iluminação e garantir uma boa visualização sem sombras. Em relação aos ruídos emitidos no *home office*, eles eram externos e imprevisíveis, tendo como opção apenas manter o microfone desligado, caso fosse possível.

Figura 8 - Local de trabalho remoto.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essas condições têm sido partilhadas por muitos outros intérpretes que de repente viram a demanda por interpretação remota emergir inesperadamente. Todavia, sabemos que nem sempre os profissionais dispõem dos recursos tecnológicos necessários, destacando-se a improvisação e adaptação de recursos, quando não é possível investir nos equipamentos que, muitas vezes, são caros.

## II – Conectividade e equipamentos

O PET-Letras iniciou suas atividades on-line bem no início da pandemia, por este motivo ao iniciarem as atuações interpretativas remotas ninguém estava preparado tecnicamente. As primeiras demandas demonstraram que a conexão utilizada em *home office* pela pesquisadora não era suficiente e, assim, foi necessário realizar uma atualização do plano de *internet* contratado, além da aquisição de um cabo de rede RJ45 de 5 metros que se conectava do *modem* diretamente ao *notebook*, o *modem* da *internet* ficava na sala e o cabo passava por toda a sala até chegar ao quarto, desta forma permitiria mais estabilidade do sinal durante os encontros on-line.

Em relação aos equipamentos disponíveis, todos eram de uso particular, não houve fornecimento de nenhum outro material pela empresa contratante dos intérpretes nem pela Universidade. Os equipamentos que foram utilizados, pela pesquisadora que atuava como intérprete, foram:

Quadro 10-Especificações técnicas dos equipamentos

	ESPECIFICAÇÕES
VÍDEO	Webcam integrada BisonCam, NB Pro 1080p - 30 fps Fundo neutro na cor branca (parede)
SETUP	Notebook AVELL i7-8750H Processador 2.20 Ghz – 16 GB RAM com placa de vídeo Geforce GTX 1050 Ti. Windows 10 Home Original.
CONEXÃO	240 Megas, taxa de envio: 120 mbps. Roteador balanceador TP-Link Net Claro
ÁUDIO	Fone Bluetooth sem fio com microfone integrado. Fone de ouvido com entrada P2. Microfone Lapela com entrada P2.
ILUMINAÇÃO	Dois tripés com <i>Softbox</i> com lâmpadas de 550w

Fonte: elaborado pela autora.

Vale ressaltar que a aquisição de alguns equipamentos e modificações para complementar e melhorar a atuação foram necessárias após as primeiras experiências de interpretação simultânea intermodal remota. A alteração das demandas interpretativas exigiram investimentos financeiros para atender o mínimo de conectividade. Todavia, vale mencionar aqui que todos os custos foram assumidos pelos profissionais da interpretação, na maioria dos casos, sem nenhum aporte das empresas ou instituições.

### III – Enquadramento e Interpretação

A estratégia utilizada para enquadramento com o *notebook* foi a distância entre ele e a intérprete, que possibilitava o enquadramento e a visualização da parte superior da cabeça até um pouco abaixo do tronco. Devido ao espaço restrito, os movimentos da intérprete eram realizados de forma menos expansiva para que não saíssem para fora, além disso foi observado que alguns sinais ao serem vistos de frente poderiam causar dúvidas em relação ao entendimento. Por este motivo, alguns sinais eram realizados de outros ângulos, ou seja, havia um deslocamento do intérprete para uma posição mais diagonal em relação à câmera para que a visualização fosse de fato compreendida e não gerasse dúvidas.

### IV – Trabalho em equipe

Todo o trabalho de interpretação remota no âmbito do PET-Letras foi realizado em equipe, inclusive foi criado um grupo no *WhatsApp* nomeado “Intérpretes PET”, em que eram encaminhados pelo professor os materiais recebidos de acordo com as demandas e a agenda da semana, o que era importante, caso houvesse imprevistos e algum intérprete precisasse ser substituído. Havia diálogos antes do evento com o intuito de preparação e acordos a respeito das escolhas tradutórias. Durante a videoconferência, o intérprete de apoio reforçava os sinais

já convencioneados, tomava nota e por fim havia reuniões da equipe junto ao professor responsável para *feedback*, a fim de contribuir com o processo de formação e avaliar a atuação.

#### V – Confidencialidade

Na situação analisada, a atuação interpretativa em *home office* não era possível de acontecer de forma isolada. No caso da pesquisadora, por exemplo, que além de vivenciar o contexto pandêmico, mora em uma casa com mais três pessoas. Como os encontros virtuais eram abertos ao público, não teria problema em que outras pessoas tivessem acesso ao que era proferido, no entanto, para conseguir preservar a confidencialidade das reuniões de *feedback*, o ideal era manter a utilização dos fones de ouvidos, mas isso não impedia que o que fosse dito não fosse ouvido por quem estivesse nos arredores, isso de fato pode comprometer a privacidade das informações.

Utilizou-se nas atividades interpretativas para o PET-Letras, a interpretação simultânea remota por vídeo através da plataforma gratuita denominada *Webconf* da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa — RNP — que é uma organização social ligada ao Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações do governo federal brasileiro, a qual conta com um serviço de conferência *web*, que proporciona encontros virtuais entre vários participantes, possibilitando, ainda, o compartilhamento de áudio, vídeo, texto, imagens, quadro branco e *desktop* (i.e., da tela do computador). A ferramenta também disponibiliza opções de salas públicas e privadas, além de sistema de criação de comunidades, agendamento de conferências, gravações e disparo de convites.

Com base nas categorias elencadas na Nota Técnica da Febrapils (2020), nesta seção, identificou-se e se descreveu, brevemente, as características da atuação interpretativa remota nas vídeo conferências em questão. De modo geral, a descrição com um análise inicial seguiu as categorias seguintes: (I) local para realização do trabalho com as adaptações do espaço restrito para evitar interferências externas como movimentação de pessoas e fundo neutro; (II) conectividade e equipamentos sobre as aquisições e melhorias da conexão de rede para garantir a estabilidade do sinal e ainda uma tabela com os equipamentos utilizados; (III) enquadramento e interpretação com as estratégias para manter o enquadramento da parte superior da cabeça até um pouco abaixo do tronco em um espaço reduzido e ainda as questões de movimentação do tronco para a melhor compreensão do público surdo; (IV) trabalho em equipe na utilização da ferramenta de apoio de um grupo de *WhatsApp* para o envio dos materiais de estudo, escalas, diários e *feedbacks*; e, por fim, (V) confidencialidade com os manejos, como a utilização de fones de ouvido para manter a privacidade dos temas das reuniões, mesmo se tratando de encontros virtuais abertos ao público.

Na próxima subseção, continua-se a análise enfocando-se os indícios e as características da competência intermodal (RODRIGUES, 2018) aplicadas ao contexto remoto. Essas características exemplificam os conhecimentos e as habilidades que os intérpretes que atuam no par linguístico Libras-português precisam dominar para a atuação no contexto remoto, que envolve conhecimentos tecnológicos e novas estratégias de trabalho em equipe, entre outros. É importante dizer que nossas reflexões se concentram mais na sinalização, ou seja, na direção inversa, do português para a Libras, visto ter sido esse o encargo mais comum.

## 5.2 OS MODOS DE OFERECIMENTO DO SERVIÇO REMOTO E AS COMPETÊNCIAS REQUERIDAS

A competência tradutória intermodal (RODRIGUES, 2018) está relacionada ao conjunto de conhecimentos e habilidades necessárias para se realizar a tradução/interpretação entre uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual. Nesse sentido, envolve a capacidade de percepção/decodificação dos elementos linguísticos produzidos corporalmente de forma visual e espacial e aprendidos a partir da visão, bem como de sua produção/codificação integrada por meio dos movimentos do corpo no espaço.

O uso dos canais gestual-visual e vocal-auditivo na interação entre comunidades linguísticas distintas acarreta usos e estratégias comunicativas diferenciadas para cada uma das modalidades de língua e demanda do profissional, nessa intermediação linguística entre dois canais distintos, conhecimentos e habilidades para administrar esses recursos com maestria e aplicá-los adequadamente. Uma analogia bastante utilizada para descrever a sobreposição dos canais para pessoas que desconhecem os recursos linguísticos das línguas de sinais é pensar na contraposição da experiência de assistir um filme dublado com a de um filme legendado, a experiência audiovisual será distinta, visto que a sobrecarga visual na apreensão da cena e da legenda é maior do que a experiência em assimilar um filme dublado em que a exigência dos canais auditivo e visual está equilibrada. Da mesma forma, a competência tradutória intermodal requer destrezas e flexibilidade em transitar entre as modalidades e em se utilizar da diferença e, por sua vez, das modalidades de maneira vantajosa.

Nesse sentido, a partir das descrições apresentadas na subseção anterior, faremos uma inferência acerca dos conhecimentos e das habilidades necessárias aos profissionais da tradução e da interpretação de línguas de sinais que assumem encargos de interpretação remota. Para tanto, assumimos a concepção de competência tradutória/interpretativa intermodal, como mencionado acima, e aplicamos ao contexto de atuação remota, assim como o que vivemos em

virtude da pandemia da Covid-19. Portanto, a finalidade é responder às questões propostas para essa pesquisa: quais os conhecimentos e as habilidades se fazem necessários para interpretação remota? E, quais as implicações desse contexto virtual para a atuação de intérpretes de Libras-português?

A partir desta investigação, foram encontradas evidências que podem estar relacionadas não apenas aos conhecimentos e às habilidades da competência interpretativa intermodal, mas que delimitam certos saberes específicos à atuação em contexto remoto (Quadro 11).

Quadro 11 - Especificidades da atuação intermodal remota

<b>Atuação intermodal remota</b>			
<b>Direção</b>	<b>Conhecimentos</b>	<b>Habilidades</b>	<b>Atitudes</b>
<b>Direta e Inversa</b>	<p>Conhecimentos básicos de informática (<i>softwares/ hardwares</i>).</p> <p>Conhecimentos básicos sobre equipamentos de iluminação e tripés.</p> <p>Conhecimentos básicos sobre formas de captação e de gravação de áudio/ vídeo.</p>	<p>Instalar dispositivos (fones, microfone, cabos de rede etc.)</p> <p>Ativar/ desativar áudio/ vídeo.</p> <p>Acessar plataformas on-line, verificar a conexão de internet.</p> <p>Controlar e preparar o espaço para atuação remota (fundo neutro, local silencioso e privado etc.).</p> <p>Atenção visual e auditiva sobre o funcionamento de todos os equipamentos.</p> <p>Flexibilidade para transitar em modalidades distintas.</p> <p>Habilidades corporais e motoras.</p> <p>Habilidades visuais/ auditivas de percepção.</p> <p>Capacidade corporal-cinestésica.</p>	<p>Interação com a equipe e com o público.</p> <p>Agir de modo coerente com as multitarefas tecnológicas.</p> <p>Apoio através de plataformas virtuais.</p> <p>Comportamento de acordo com os limites do enquadramento da tela.</p> <p>Aviso visual acerca das trocas dos intérpretes.</p> <p>Capacidade de ajustar às novidades e demandas.</p>

Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme apresentado, são muitas as diferenças entre as atividades interpretativas presenciais e remotas. Mesmo que o processo interpretativo seja semelhante, para cada contexto são exigidas competências, habilidades e atitudes diferenciadas o que já é de se esperar, visto que no contexto remoto as condições são ainda mais dependentes da tecnologia.

Acima podemos ver alguns conhecimentos, habilidades e atitudes bem específicos aos contextos remotos (Quadro 11), o que representa também o que os tradutores e intérpretes passaram a enfrentar repentinamente devido à pandemia decorrentes da Covid-19, um cenário onde o profissional tem muitas outras tarefas a realizar, tarefas estas que podem ir além de suas formações ou bagagens. Nesse sentido, as demandas do contexto remoto evidenciam a falta de



preparo para a atual conjuntura e, com isso, abre precedentes para se considerar um período de adaptação a esta singular vivência.

De modo geral, Rodrigues (2018) explica que a competência tradutória intermodal pode ser descrita como sendo: a integração de (i) *habilidades corporais motoras de codificação integradas de propriedades gestuais e espaciais*; e de (ii) *habilidades visuais de percepção e interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas*. Nesse sentido, ela diz respeito à capacidade corporal cinestésica atrelada à competência linguística e comunicativa, a qual pode ser afetada pelas demandas do contexto remoto.

Com base nos dados, ou seja, nas três webconferências do PET-Letras, é possível compreender que além das habilidades supracitadas, que estão diretamente atreladas a competência linguística e comunicativa, a interpretação intermodal remota exige conhecimentos e habilidades relacionados *ao domínio da tecnologia aplicada aos processos interpretativos intermodais on-line* diretamente, sendo que estes estão vinculados à competência metodológica e instrumental. Assim sendo, esses conhecimentos e habilidades precisam estar vinculados à modalidade da língua de sinais e ao como lidar com a questão da modalidade em relação à tecnologia, à direcionalidade do processo interpretativo, às dinâmicas de trabalho virtual em equipe etc.

Por fim, entendemos que os conhecimentos, as habilidades e as atitudes requeridos dos intérpretes intermodais em contexto remoto de videoconferência são de diversas ordens, envolvendo aspectos situacionais, cognitivos, físicos e psicológicos decorrentes da presença virtual, da integração multissensorial, das multitarefas, de emoções imprevistas, de estresse psicológico e de fadiga que interferem na qualidade do serviço fornecido.

A *dependência total da tecnologia* exige dos intérpretes uma competência instrumental e metodológica apurada para lidar com os equipamentos e, conseqüentemente, com os problemas técnicos relacionados, entre outros, com a largura de banda e com a conexão à *internet*, com os possíveis atrasos na circulação das informações — já que o áudio e os vídeos podem estar sem sincronia, tendo atrasos —, com a qualidade acústica do ambiente e do equipamento, bem como com a de imagem etc.

Além disso, a *alteração ou ausência de feedback visual* direto do público — não se dispor de contato visual com o público-alvo da interpretação ou de não possuir demais informações ambientais de onde esse público se encontra — podem ocasionar em carência ou ausência de pistas visuais, exigindo dos intérpretes competências gerais para lidar com o trabalho remoto individual e fora da presença do público.

Assim, como são necessários conhecimentos e habilidades distintas dos relacionados à interpretação presencial, a atuação remota também sofre alterações. Para o contexto virtual, as principais distinções se dão em procedimentos que aos poucos vão se tornando um padrão para os recém adeptos da modalidade. No contexto de interpretação intermodal remota, onde os profissionais tradutores e intérprete precisam dispor de seus próprios equipamentos, infelizmente para aqueles que usam o *smartphone* como recurso de transmissão não há retorno de informações gráficas e *chat* ou tal retorno é limitado — a depender da plataforma usada. Diferente do contexto presencial em que se tem acesso direto ao quadro ou aos *slides* com um simples deslocamento corporal, além do contato visual com o público. Entretanto, pelo celular, esse tipo de informação pode ser limitada, fazendo com que o intérprete recorra a uma interpretação “às cegas”, ou seja, atue sem conhecimento do contexto da tela, de apoio ou de qualquer outro tipo de *feedback*.

O retorno de sua própria sinalização é um dos aspectos distintos que chegou com a atuação do intérprete intermodal remoto, que consegue ver sua própria produção linguística ao mesmo tempo em que sinaliza por conta do formato, já que está na tela. Por outro lado, há o espelhamento que demanda certa habilidade do profissional. De qualquer maneira, o fato de estar on-line em tela, possibilita que o intérprete se auto avalie durante a atividade, mudando ângulos e posicionamento do corpo, conforme necessário, podendo, até mesmo, tornar a interpretação ainda mais elaborada e clara através da reflexão imediata sobre suas escolhas. Contudo, não podemos deixar de considerar que esse automonitoramento traz certa demanda cognitiva, já que sinalizar e observar sua sinalização implica em distintas atividades simultâneas.

Outra questão é a troca de turno, já que no contexto de interpretação intermodal remota é ainda mais importante que todos os participantes envolvidos respeitem a fala do outro para que não haja interferência, visto que quando dois participantes falam ao mesmo tempo, isso gera um ruído de comunicação e todos os participantes envolvidos ficam com a compreensão prejudicada. Nos contextos de interpretação intermodal, esse desconforto impacta a interpretação e traz prejuízos aos surdos, pois, muitas vezes, cabe ao intérprete gerenciar essa sobreposição da fala, elegendo quem estaria no turno de fala ou interrompendo e solicitando que as pessoas se pronunciem uma por vez. Estas trocas mais conscientes de turno de fala leva os participantes a usarem o *chat*, recurso também tecnológico de interação entre os participantes. A participação do público não demanda um gerenciamento entre o discurso do emissor e as conversas no *chat*. No contexto da interpretação intermodal educacional, por exemplo, o intérprete precisa dar conta do discurso sendo proferido pelo professor e das

conversas paralelas que acontecem na sala, já no contexto remoto em questão, as conversas acontecem de forma gráfica em um canal acessível também aos surdos.

Vale ressaltar que os recursos visuais ou informações extralinguísticas é outro recurso que vem para auxiliar no processo interpretativo, pois complementam o discurso visualmente, como os *slides* que podem conter, por exemplo, os nomes dos autores, possibilitando que o intérprete simplesmente aponte para o lado, poupando os esforços de memória de curto prazo e de produção. Ao não realizar a soletração, a capacidade de processamento do intérprete não é sobrecarregada, pois os caracteres ortográficos foram apresentados de forma escrita. Outros recursos visuais são as anotações, os apoios e os avisos de trocas de turno que ocorrem no *chat* privado entre os intérpretes que fazem com que este sirva como uma possibilidade de contato síncrono ou um bloco de tomada de notas virtual compartilhado. Como é vinculado à mesma plataforma usada para a web conferência, o profissional pode ter acesso às informações compartilhadas simultaneamente na mesma tela. Diferente do contexto de conferência, onde os intérpretes não teriam acesso às anotações do colega, neste contexto, o virtual, o trabalho em equipe pode ser realizado concomitantemente às atividades interpretativas e sem interrupções, ainda que com aumento da demanda cognitiva e da atenção requerida. O apoio, nesse caso, por ser apresentado de forma escrita e não tem interferência na produção do outro mesmo que seja sobreposto a fala.

Além disso, é importante que a equipe saiba negociar sinais entre si para diminuir os transtornos relacionados às questões linguísticas e às incompreensões. É importante considerar o espaço de sinalização, já que a produção da língua de sinais, originalmente quadridimensional (altura, largura, profundidade e duração), é restrita ao contexto virtual e exposta ao público em uma plataforma bidimensional (altura e largura). No entanto, existem fatores relacionados ao *home office* que não são controláveis. Um exemplo são os ruídos produzidos dentro de casa, como o uso de eletrodomésticos, campanhas, animais domésticos ou ruídos urbanos produzidos pela vizinhança, como: conversas externas, obras, ônibus, buzinas etc. que interferem de forma negativa na capacidade de recepção do texto fonte nas línguas vocais-auditivas e na produção do texto alvo na interpretação direta.

No caso da tradução intermodal realizada em *home office*, e apenas dela, se por um lado os tradutores têm mais flexibilidade e podem evitar os ruídos residenciais produzidos ao longo do dia escolhendo atuar em períodos noturnos, ao atuar fora do horário comercial pode prejudicar o desempenho por questões como a necessidade de redução no volume, caso a língua fonte do material seja oral auditiva ou em produzir o texto alvo utilizando um tom de voz baixo, que não incomode os demais moradores.

Percebe-se desta maneira que o contexto remoto é marcado por questões que podem dificultar também o ofício da interpretação remota na direção direta (de Libras para o português) onde não há possibilidade de apoio sussurrado, por exemplo, os envolvidos na atividade interpretativa ficam muito mais expostos e suscetíveis a equívocos na produção do texto alvo. Os combinados internos e as trocas ficam muito mais visíveis, podendo de certa maneira expor a equipe.

Estes são alguns pontos acerca do trabalho remoto intermodal, observados durante as situações de interpretação intermodal remota em questão. O conjunto de conhecimentos e habilidades que compõe a interpretação intermodal, considerando-se o contexto remoto, evidenciam a importância de domínio da tecnologia e do automonitoramento de uma diversidade de novos elementos que passam a compor o encargo de interpretação.

Este material inicial pode levantar reflexões para futuras atuações que poderão considerar os aspectos que envolvem a quadridimensionalidade, ou seja, o espaço em que a atuação é realizada e a possibilidade de se revisitar esse momento sob diferentes perspectivas. Assim como o caso desta autora que atuou no momento da interação como intérprete e o revisita, hoje, como pesquisadora, elencando as configurações e os desafios vivenciados durante a atuação remota e, conseqüentemente, aperfeiçoando sua consciência e reflexão sobre a prática profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas e universidades tiveram suas aulas suspensas e o PET-Letras que antes fazia encontros presenciais, passou a pensar em uma alternativa de interação em formato de web conferência aberta e gratuita, idealizada pelo Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. Para que estas reuniões fossem acessíveis, foram alocados, pela Coordenadoria de Tradutores e Intérpretes de Libras e português da UFSC, dois profissionais intérpretes que se revezavam em relação aos seus dias de atuação e que faziam dupla com uma bolsista em processo de formação. Estes encontros do PET-Letras contavam com a participação de um bolsista surdo, agregando certa dinâmica ao fluxo e volume de interpretação, sendo necessário interpretar da Libras para o português, bem como do português para Libras.

A partir das experiências analisadas e vivenciadas, a equipe de intérpretes testou diversos métodos de atuação profissional, estes experimentos serviram para que fosse encontrada uma maneira que funcionasse de acordo com a estrutura do que era proposto e com os recursos tecnológicos que os intérpretes dispunham, tendo em vista que os materiais utilizados no *home office* eram de uso particular. Por esse motivo, faz-se necessário refletir sobre os resultados que foram alcançados e os desafios identificados desde o início dos atendimentos on-line.

A presente pesquisa se configura como estudo de caso (GIL, 2002), foi concebida, através da abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN 1994) e se propôs a atender ao seguinte objetivo: analisar os desafios e potencialidades na interpretação remota das conferências realizadas no PET-Letras UFSC. Para tanto, a pesquisa se propôs a responder duas questões centrais: (i) quais os conhecimentos e habilidades se fazem necessários para interpretação remota?; e (ii) quais as implicações desse contexto para a atuação de intérpretes de Libras-português?

Para tanto, além das reflexões fundamentadas em bibliografia especializada, focamos as atividades do PET-Letras realizadas na plataforma RNP Webconf, as quais foram gravadas e disponibilizadas virtualmente. Portanto, foram selecionados 03 vídeos dos 13 que estavam disponíveis no site do PET-Letras e no canal do *YouTube* para análise e descrição com o objetivo de identificar quais foram as estratégias e os desafios visando a interpretação simultânea de forma remota levando-se em consideração o local de trabalho, conectividade/equipamentos, enquadramento/formas de interpretação, trabalho em equipe e a confidencialidade (FEBRAPILS, 2020).

Vimos que o contexto remoto, demanda um local de trabalho física, o qual apesar de não ser o ideal foi ajustado para que o trabalho fosse desempenhado da melhor forma possível com ajustes que foram feitos durante todo o processo de atuação remota. No caso da pesquisadora que atuava na interpretação remota, foi necessário investir em iluminação e acessórios tecnológicos complementares, tais como o microfone de lapela, fones de ouvidos *bluetooth*, cabo de rede e a alteração do plano contratado de *internet*, para assegurar a conexão que ao se trabalhar com a transmissão e recebimento de vídeo a transmissão não ficaria muito mais sobrecarregada.

Além disso, foi necessário saber realizar diversas novas funções no que se refere aos ajustes de enquadramento e configurações técnicas para testar o áudio e a imagem antes de iniciar o trabalho de interpretação, bem como sempre estar atento se durante a realização dos sinais havia legibilidade, se atentando aos ângulos diante da câmera. Além do mais, atuar em equipe de forma remota exige uma série de novas habilidades que vão além da atuação presencial e tudo isso deve ser analisado, tanto quanto as questões de confidencialidade que devem ser respeitadas.

De modo geral, vimos que os componentes característicos da competência tradutória intermodal (RODRIGUES, 2018) são afetados pela atuação remota. São necessárias uma série de conhecimentos, habilidades e atitudes atreladas à tecnologia e, por sua vez, às características específicas do contexto remoto. Vimos que há uma forte interseccionalidade entre tecnologia e interpretação remota, visto que são necessários equipamentos de captação de vídeo e iluminação que deem conta das nuances da sinalização e equipamentos que deem conta da captação de áudio com menor grau de ruído possível, por exemplo. E não bastam os equipamentos já que é necessário saber manipulá-los adequadamente.

O trabalho remoto tem permitido ressignificar e reinventar as formas de atuação dos tradutores e intérpretes de Libras-português; um exemplo disso é a forma de se trabalhar em equipe, com a utilização de *chat* nas plataformas — é possível que o intérprete que não está no turno possa colaborar com o colega ao enviar de forma escrita no *chat* os nomes próprios, números (dias, anos, porcentagens), termos em inglês ou terminologias específica enquanto o outro intérprete sinaliza. Esta atitude contribui significadamente com a atuação do colega sinalizante que, por vezes, não consegue receber apoio através da *webcam* devido à conexão de *internet* instável. Esta alternativa contribui também com os surdos que estão utilizando esse serviço e faz com que as informações acompanhem um ritmo simultâneo. Tradicionalmente, em contextos presenciais, como por exemplo, no âmbito educacional, o intérprete tinha acesso a uma parte do quadro ou a recursos como caderno e lousa. O espaço remoto possibilita explorar

outras formas de apoio. Trata-se de outro padrão interacional, além de todas demais as possibilidades tecnológicas que ainda podem ser estudadas.

Dessa forma, ao analisar os desafios e as possibilidades na atuação remota, enfrentadas pelos intérpretes de línguas de sinais, percebe-se a necessidade da implementação de disciplinas com ênfase no manuseio de tecnologias de áudio e vídeo nos cursos de graduação voltados à formação de tradutores e de intérpretes intermodais e também em cursos de formação continuada para profissionais já atuantes, sendo estes cursos teriam como objetivo desenvolver a competência instrumental e metodológica para lidar com as demandas tecnológicas atreladas ao contexto remoto.

## REFERÊNCIAS

- ALBIR, Amparo Hurtado; *et al.* **Competência em tradução: cognição e discurso**, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.
- ALVES, Jessika Figueredo; GOMES, Jacqueline de Souza. Educação de pessoas surdas em tempos de pandemia: linguagem, pensamento e relações de poder. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S.L.], v. 6, p. 306-319, 23 out. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/riae.2020.51903>. Acesso em: 19 dez.2020.
- BRAUN, Sabine. **Remote Interpreting**. In: H. Mikkelsen & R. Jourdenais. Routledge Handbook of Interpreting. London/New York: Routledge. 2015.
- BAKER, M. (Org.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres/ Nova York: Routledge, 1998.
- BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da linguagem. ed.1ª; tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. In: **Educação em Tempos de Pandemia: Brincando com um Mundo Possível**. LIBERALI, F. *et al.* São Paulo: Editora: 34, [1929] 2017.
- BRASIL, 2000. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm). Acesso em: 25 nov.2020.
- BRASIL, 2002. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 07 dez.2020.
- BRASIL, 2015. **Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 24 nov. 2020.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/bogdan%20&%20bicklen%20-%20etica%20na%20pesquisa.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/bogdan%20&%20bicklen%20-%20etica%20na%20pesquisa.pdf). Acesso em: 12 dez.2020.
- CAVALLO, Patrizia; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Estudos sobre Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. **Letras & Letras**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 353-368, 21 ago. 2016. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ll63-v32n1a2016-18>. Acesso em: 20 dez.2020.
- CAVALLO, Patrizia. **Reelaboração de um modelo de competência do intérprete de conferências**. 2019. 361f. Tese (Doutorado em Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em:



<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204527/001108538.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 dez.2020.

CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). 2019. **Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais**. Porto Alegre: Penso, 188p.

FEBRAPILS. **Nota Técnica nº 04/2020**. Disponível em: <https://febrapils.org.br/documentos/>. Acesso em: 20 dez.2020.

FERREIRA, João Gabriel Duarte. **Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngue Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras**. 2019. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PGET0428-D.pdf>. Acesso em: 14 nov.2020.

FURTADO, Marco António Cerqueira Mendes. A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS – REFLEXÕES SOBRE A EVOLUÇÃO DE UMA PROFISSÃO (UM ENSAIO). **Polissema - Revista de Letras do Iscap**, v. 14, p. 211-226, 02 maio 2019. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/Polissema/article/view/3047>. Acesso em: 27 out.2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: [http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf). Acesso em: 15 out.2020.

HOLMES, J. S. **The Name and Nature of Translation Studies**. In: **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi.1972. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2800319/mod\\_resource/content/1/Nome%20e%20natureza%20dos%20Estudos%20da%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20-%20James%20Holmes%20%28ingl.%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2800319/mod_resource/content/1/Nome%20e%20natureza%20dos%20Estudos%20da%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20-%20James%20Holmes%20%28ingl.%29.pdf). Acesso em: 25 nov.2020.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

JIMÉNEZ, A. **La Traducción a la vista. Un Análisis descriptivo**. 1999. 415 f. Tesis (Doctorado en Lingüística i llengües) – Universitat Jaume I, Facultat de Ciències Humanes i Socials. Castellón, Espanha, 2009. Disponível em: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/10564/jimenez-tdx.pdf?...1>. Acesso em: 17 set. 2004.

MIKKELSON, Holly; JOURDENAIS, Renée et al. **The Routledge Handbook of Interpreting**. London And New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2015. 468 p.

MOUZOURAKIS, Panayotis. Remote interpreting : A technical perspective on recent experiments. **Interpreting 8:1** . 2006. p.45–66. Disponível em: [https://www.academia.edu/8939661/Remote\\_interpreting\\_A\\_technical\\_perspective\\_on\\_recent\\_experiments](https://www.academia.edu/8939661/Remote_interpreting_A_technical_perspective_on_recent_experiments) acesso em: 25 out.2020.

PAGURA, Reynaldo José. **A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Tradução, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/publico/2010\\_ReynaldoJosePagura.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/publico/2010_ReynaldoJosePagura.pdf). Acesso em: 27 nov.2020.

PAGURA, Reynaldo José. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo, v.19, n. spe, p. 209-236, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 dez.2020.

PAGURA, Reynaldo José. Tradução & interpretação. In: AMORIM, Lauro; RODRIGUES, Cristina; (ORGS.), Érika Stupiello. **Tradução & Perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 183-207.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, [S.L.], v. 1, n. 21, p. 135-156, 14 nov. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4925667>. Acesso em: 09 dez.2020.

PÖCHHACKER, Franz. Conexões fundamentais: afinidade e convergência nos estudos da Interpretação. **Scientia Traductionis**, n.7, 2010. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2010n7p61>. Acesso em: 19 nov.2020.

QUEIROZ, Mylene. **Interpretação médica no Brasil**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95825/294597.pdf?sequence=1&isAllOwed=y>. Acesso em: 05 dez.2020.

ROAT, Cynthia E.; CREZZE, Ineke, H. M. **The Routledge Handbook of Interpreting**. 2015.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, [S.L.], v. 1, n. 44, p. 111-129, 29 abr. 2018. ANPOLL. <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146>. Acesso em: 15 out.2020.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 17-45, 5 out. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 15 dez.2020.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque. **Cadernos de Tradução**, [S.L.], v. 38, n. 2, p. 294-319, 11 maio 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294>. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p294>. Acesso em: 10 dez. 2020.

RODRIGUES, Carlos Henrique; SANTOS, Silvana Aguiar dos. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. **Tradução em revista (online)**, v. 24, p. 1-29, 2018. Disponível em: <https://politicasinguisticas.paginas.ufsc.br/politicas-de-traducao/>. Acesso em: 10 dez.2020.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Aspectos históricos e práticos de interpretação. **Revista de letras**, v.1-2, n.20, p. 103-109, jan. /dez.1998. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2122>. Acesso em: 27 nov.2020.

SABOIA, J.; VARGAS, P.L.; VIVA, M.A.A. 2013. O uso dos dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem no meio virtual. **Revista CESUCA Virtual: conhecimento sem fronteiras**. v.1, n.1, p. 1-18. Disponível online em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/cesucavirtual>. Acesso em: 23 abr. 2019.

SAMPAIO, Glória Regina Loreto. Tradução oral à Prima Vista: Pesquisa discente e implicações para a formação de intérpretes. **TradTerm**, São Paulo, v. 23, p. 121-139. Setembro.2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/85572>. Acesso em: 06 dez.2020.

SEEBER, Kilian G. Simultaneous interpreting. In book: Routledge handbook of interpreting p.79-95. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/312611562\\_Simultaneous\\_Interpreting](https://www.researchgate.net/publication/312611562_Simultaneous_Interpreting). Acesso em: 19 nov.2020.

VASCONCELLOS, Maria Lucia; BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai Antonio. **Estudos da Tradução I**. 2009. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras-Libras, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **RevistaSoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007. Disponível em: [http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007\\_05/a2007\\_v20\\_n05\\_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf). Acesso em: 17dez.2020.

WEBER, K. W. The Importance of Sight Translation in an Interpreter Training Program. In: BOWEN, D.; BOWEN, M. (Ed.). Amsterdam; **Philadelphia**: John Benjamins Company, 2008, p. 44-52. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/ata.iv.10web> Artigo recebido em: 05.01.2017 Artigo aprovado em: 04 jun.2017. Acesso em: 17 dez.2020.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map**: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies. Manchester. Uk&NonhamptonMa: St Jerome Publishing, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A

Vídeo conferência 01 - No dia 08 de julho de 2020 houve uma webconferência sobre a temática Necropolítica no Brasil com a convidada Ana Luiza Guimarães, com duração de 01:18:40. Este evento contou com a participação das intérpretes Ana Gabriela, Stefany e Thuanny Sá Galdino.

As intérpretes tiveram acesso ao material de estudo com um dia de antecedência, foi encaminhado a monografia intitulada “Medalha para quem metralhou você: Necropolítica e o corpo que não entra em exceção” e também o ensaio do autor Achille Mbembe.

A demanda de estudo era muito maior do que o tempo disponível antes do encontro, no entanto as intérpretes se dedicaram a estudar sinais equivalentes para as principais terminologias encontradas nos textos encaminhados.

A seguir será apresentado algumas estratégias adotadas pela equipe para solucionar problemas tradutórios que surgiram durante essa atividade.

- Pelo fato de não ter sido encontrado um sinal em libras para o termo necropolítica, foi convenicionado entre as intérpretes a utilização da datilologia “NP.”
- É citado o nome de 3 ou 4 autores de forma rápida, não sendo possível soletrar, foi utilizado os sinais de “AUTORES + VÁRIOS”.
- Para os conceitos corpo noturno e corpo solar foi utilizado o sinal: “CORPO + LUZ” e “CORPO + NOITE” seguido de datilologia.
- O termo estado de exceção é soletrado.
- O termo neoliberal é soletrado.
- O conceito genocídio é soletrado e posteriormente explicado como “EXTERMINAR + GRUPO.”
- O termo miscigenação é omitido.
- A palestrante fala sobre Ku Klux Klan, a intérprete de apoio soletra e envia o termo no chat do bate-papo. Como estratégia, utilizou-se a datilologia e um classificador.
- O sinal composto usado para racismo é: "PRECONCEITO + NEGRO" e o sinal de raça é soletrado.
- O termo Marxista é soletrado.

Foi usado hiperônimos como estratégia para se referir a temas e autores pela falta de tempo e rapidez da fala da palestrante.

Observações

\* Todas as perguntas são feitas pelo chat público e elas são lidas para a palestrantes responder.

\*As intérpretes usavam os mesmos sinais durante a atuação para evitar confusão no receptor devido a variação linguística.

*Vídeo 01 - Necropolítica*

<i>Terminologia</i>	<i>Significado</i>	<i>Estratégia tradutória</i>	<i>Apoio</i>	<i>Estudo prévio</i>	<i>Justificativa da estratégia tradutória</i>
Necropolítica	Política de morte racista	Datilologia “NP”	Sim	Sim, 24 horas antes.	Convencionamos utilizar o recurso de datilologia “NP” por não encontrarmos sinais durante o estudo e não ter compreendido bem o conceito.
Miscigenação	Mistura de raças	Datilologia	Não	Não	
Genocídio	Extermínio de determinado grupo	Datilologia + explicação	Não	Não	

## APÊNDICE B

Vídeo conferência 02 - No dia 05 de junho de 2020 houve uma webconferência para tratar sobre as questões do documentário Crip Camp - Revolução pela Inclusão com a petiana Ana Santiago que tem deficiência visual, com duração de 01:21:08. Este evento contou com a participação das intérpretes Ana Gabriela e Thuanny Sá Galdino.

As intérpretes tiveram acesso e assistiram ao documentário na plataforma de streaming Netflix na semana do evento e estavam familiarizadas com os termos referentes a área da deficiência por ser um meio no qual convivem.

A webconferência iniciou com alguns entraves tecnológicos no que diz respeito a conexão, ambas estavam com o sinal fraco o que fazia com que a visualização do vídeo fosse dificultosa.

Posteriormente o sinal da internet se estabiliza e ocorrem outras interferências: por motivos de reformas e barulhos externos que comprometem acompanhar o diálogo é necessário que a troca seja realizada antes do tempo previsto para que o discurso não seja comprometido.

A seguir será apresentado algumas estratégias adotadas pela equipe para solucionar problemas tradutórios que surgiram durante essa atividade.

- As intérpretes convencionaram os sinais que usariam para direitos, deficiência e pessoas para não confundir o público surdo, uma vez que para todas essas palavras há variação linguística.
- Quando é citado o termo “Visão reducionista” a estratégia tradutória utilizada foi de um grupo + menor visto desta forma.
- A intérprete utilizou datilologia para o termo “C-L-I-N-Í-C-O” e recebeu suporte do apoio da dupla para fazer “VISÃO + MÉDICA.”

Observações

\* Todas as perguntas são feitas pelo chat público e elas são lidas para a palestrantes responder.

\*As intérpretes usavam os mesmos sinais durante a atuação para evitar confusão no receptor devido a variação linguística.

### Vídeo 02 - Documentário Crip Camp

<i>Terminologia</i>	<i>Significado</i>	<i>Estratégia tradutória</i>	<i>Apoio</i>	<i>Estudo prévio</i>	<i>Justificativa da estratégia tradutória</i>
Visão reducionista	Uma visão “capacitista” discriminação de pessoas com deficiência, uma visão inferiorizada.	<i>Grupo + menor</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Um grupo minoritário.</i>
Clínico	Um olhar com a perspectiva médica.	Datilologia + visão médica após apoio	Sim	Sim	<i>O apoio sinalizou “visão + médica” para se referir a perspectiva vista desta ótica</i>
Patologizante	Transformar em doença ou anomalia, mesmo que não seja.	omissão	Sim	Sim	<i>Devido a fala rápida do orador, foi feita a omissão.</i>
Protagonismo	Personagem/pessoa principal de algo.	“não tem visualização”	Sim	Sim	<i>A sinalização tentou mostrar que os deficientes não tinham esse lugar de fala.</i>

## APÊNDICE C

Vídeo conferência 03 - No dia 19 de junho de 2020, sexta-feira, às 13:30h houve uma discussão realizada a partir da seguinte proposta "Chains and Whips Excite me: uma abordagem sobre literatura erótica contemporânea e BDSM" conduzida por Paola Nichele no dia 19 de junho, sexta-feira, às 13h30 com duração de 53:20. As intérpretes dispuseram de pelo menos cinco dias para poderem estudar sobre a temática.

Todos os termos que poderiam ser utilizados foram compartilhados no chat privado das intérpretes.

A Iluminação da Thuanny não estava boa, ela aparece de forma escura, dá para enxergar, mas requer esforço, enquanto a iluminação e o fundo de Ana Gabriela estavam boa.

### Observações

\* Neste dia a palestrante interagiu com o chat mas não lia o que era dito, apenas respondia e as intérpretes tinham que acompanhar o chat e interpretar a fala.

\*As intérpretes usavam os mesmos sinais durante a atuação para evitar confusão no receptor devido a variação linguística.

### Vídeo 03 - "Uma abordagem da literatura erótica contemporânea"

<i>Terminologia</i>	<i>Significado</i>	<i>Estratégia tradutória</i>	<i>Apoio</i>	<i>Estudo prévio</i>	<i>Justificativa da estratégia tradutória</i>
Submissão	Disposição para obedecer, subordinação; obediência.	<i>Soletração + sinal acuada (?)</i> .	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Para frisar bem o conceito foi feito a soletração e uma explicitação posteriormente.</i>
Sexualidade	Conjunto de comportamentos que concernem à satisfação da necessidade e do desejo sexual.	Coisas sobre sexo	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Não foi encontrado um sinal para usar de sexualidade. Na verdade, encontraram um mas não sabiam da veracidade e eficácia do sinal. Atualmente sabemos.</i>
BDSM	"Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo". O termo refere-se a relações sexuais baseadas no prazer da dor.	Datilologia B-D-S-M	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Optou-se pela datilologia pois o orador se referia sempre a sigla.</i>
Dominatrix	Mulher que em um contexto sexual exerce o papel de controle psicológico e físico na relação.	"mulher + manda"	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	
Fantasia sexual	Desejo sobre algo, ambiente ou situação sexual que aumenta a sensação de prazer	"imaginação + coisas + sexo + vários"	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	

## ANEXO A – Nota Técnica



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

### NOTA TÉCNICA Nº 004/2020

27 de maio de 2020

**Interessados: Empresas de tradução, interpretação e profissionais autônomos que oferecem o serviço de interpretação de Libras/Português.**

**Assunto: Nota Técnica sobre interpretação simultânea remota para a Língua Brasileira de sinais.**

#### Introdução

1. Devido à situação de pandemia causada pela COVID-19, buscas por novas possibilidades para a prática da interpretação para as línguas de sinais se apresentam, a necessidade de pensar em soluções para prosseguir com atividades de trabalho por meio do contato remoto, *home office* (teletrabalho) e apresentações virtuais, são soluções que se apresentam para lidar com os desafios dessa nova realidade.
2. Assim como já devem ocorrer em situações presenciais, todas as atividades (pronunciamentos oficiais de órgãos do governo na esfera federal, estadual e municipal; reuniões de trabalho, treinamentos, seminários, palestras e informativos institucionais; e atividades culturais de todos os tipos) devem ser apresentados com a disponibilização dos serviços de interpretação para a língua de sinais conforme legislação vigente sobre acessibilidade e inclusão, garantindo às pessoas surdas o seu direito linguístico e cultural, e participação efetiva nessas atividades. (Lei 10.098/00; Lei 10.436/02; Lei 13.146)
3. A acessibilidade em meios audiovisuais já conta com algumas normas estabelecidas na Lei Brasileira de Inclusão, 13.146/15 e em NBRs, assim como a **Nota Técnica Nº 01/2017** e **Nota Técnica Nº 02/2017** emitidas pela Febrapils. Assim, o intuito deste documento é fornecer orientações complementares e efetivas a interpretação remota para a Língua Brasileira de Sinais-Libras, com exibição em uma *janela de Libras* a partir do uso de ferramentas e plataformas de interação virtual.



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

a interpretação remota para a Língua Brasileira de Sinais-Libras, com exibição em uma *janela de Libras* a partir do uso de ferramentas e plataformas de interação virtual.

4. Esse documento apresenta orientações para interessados na prestação de serviço de interpretação remota, a saber, empresas de tradução e interpretação e profissionais autônomos. Salientamos que não seria cabível a aplicação dessas exigências para profissionais contratados especificamente para o trabalho presencial, pois esses podem não dispor de estruturas mínimas e adequadas em sua residência para realização da atividade de interpretação simultânea remotamente.
5. A CLT prevê o trabalho remoto, por meio do artigo 6º, como aquele executado na residência do empregado, desde que fosse caracterizada a relação de trabalho entre os entes. A Lei 12.551/2011 alterou este dispositivo para considerar os meios telemáticos e informatizados como meios diretos de comando, controle e supervisão. Já em 2017 como a aprovação da lei 13.467 o trabalho remoto foi abordado com mais detalhe, ajustando a relação entre empregado e empregador e estabelecendo regras contratuais e de organização para esta atividade.
6. A interpretação simultânea é a mais frequentemente utilizada em contextos de trabalho remoto. Essa modalidade de interpretação exige do profissional grande esforço cognitivo que envolve atenção, concentração e memória. Nesse sentido, a condição de ouvir/ver bem os participantes da interação comunicativa, sem ruídos ou distrações, se torna essencial. Com esse objetivo de orientar a oferta de serviço remoto, elencamos alguns tópicos essenciais para garantir que o processo de interpretação seja possível.
7. Para fins deste documento, consideramos duas principais situações nesse cenário de interpretação remota:

Situação 1: Videoconferências com a interpretação somente para a direção língua de sinais, como seminários, palestras, pronunciamentos e similares transmitidos ao vivo e via *streaming*. Nessa modalidade de videoconferência não há muitas





FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
 Fundada em 22 de setembro de 2008  
 CNPJ 19.407.091/0001-02

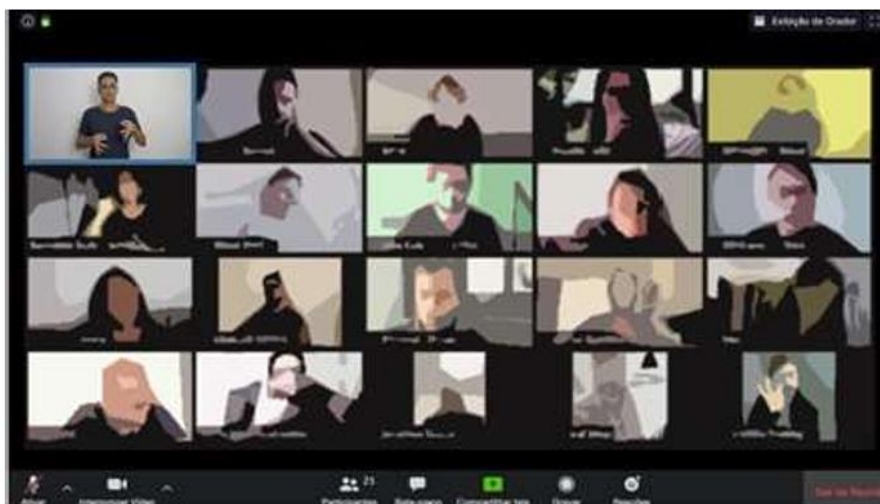
interações diretas entre os participantes, e normalmente o *chat* com o uso do texto escrito é a forma de comunicação entre o conferencista e os interlocutores.

Imagem 1: Videoconferência situação 1



Situação 2: Videoconferências com menor número de participantes que exigem a interpretação nas duas direções, língua de sinais e língua vocal, ou seja, reuniões, atividades culturais, treinamento, assembleias, e similares, realizadas por meio de plataformas digitais de comunicação, situação em que normalmente há interações frequentes entre todos os participantes.

Imagem 2: Videoconferência situação 2





FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

8. As orientações foram organizadas em cinco tópicos, que integram aspectos essenciais para o oferecimento do trabalho remoto. São eles: I. Local para a realização do trabalho, II. Conectividade e equipamentos, III. Enquadramento e interpretação, IV. Trabalho em equipe e V. Confidencialidade.

#### **I - Local para a realização do trabalho**

9. Mesmo trabalhando de casa (*home office*), é necessário escolher um ambiente mais reservado, se possível um cômodo que não transite pessoas ou animais de estimação. Nesse ambiente é necessária uma parede ou fundo de, no mínimo, 2 (dois) metros de largura, de cor neutra/lisa, sem móveis, plantas ou materiais de decoração.
10. A iluminação deve ser suficiente para que a visualização da sinalização seja possível. Orientamos que se tenha uma iluminação no ambiente, uma iluminação frontal direcionada para o rosto e mãos do intérprete, ou dois pontos de iluminação em diagonal (um de cada lado), observando sempre para que as sombras não atrapalhem na reprodução da imagem. Nesse sentido, uma luz mais difusa é recomendada evitando pontos de luzes mais claros e outros muito escuros.
11. A câmera deve estar com um distanciamento que permita realizar e visualizar a interpretação de forma adequada. No tópico 3, exploraremos mais sobre esses aspectos específicos ao enquadramento.
12. As condições de áudio também são essenciais, esse ambiente deve ser o menos ruidoso possível, visto que é necessário ouvir bem para realizar a atividade de interpretação. Distrações visuais também interferem diretamente na concentração e conseqüentemente no processo de interpretação, por esse motivo, caso haja outras pessoas na residência, é importante que as comunique do período previsto



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

para o trabalho e que nesse momento você está realizando uma interpretação, a fim de evitar a ocorrência de interrupções.

13. Alguns programas não permitem que a captura e reprodução de áudio seja por dispositivos diferentes, uma forma de resolver esse problema é usar um *headset* que possui fone e microfone juntos.
14. O intérprete deve considerar desligar sempre seu áudio quando não estiver interpretando para a língua oral e ligar somente quando for necessário interpretar para a língua oral ou se comunicar com os participantes. Esse procedimento possibilita que nenhum ruído da residência possa interferir durante o evento interpretativo. Além disso, contribui para que o fluxo de dados da transmissão seja mais leve.

## **II - Conectividade e equipamentos**

15. Para que ocorra a interpretação com tranquilidade desde o primeiro minuto de transmissão/videoconferência, orientamos que a equipe de interpretação sempre realize testes de conexão e ajustes do uso das plataformas e enquadramento com antecedência. Importante que a equipe de intérpretes entre em contato com a equipe técnica que gerencia a transmissão ou a conectividade entre os participantes para acertar todos os detalhes, inclusive tempo que devem estar disponíveis antes do início da programação que será interpretada.
16. É de responsabilidade do contratante/ organizador do evento, o gerenciamento da videoconferência, disponibilizando os links de acesso às ferramentas ou plataformas de interação virtual com antecedência, incluindo técnico responsável que mantenha contato com a equipe de intérpretes para alternar a visualização da janela da interpretação a cada troca de turno, conforme o caso.
17. É de responsabilidade da equipe de interpretação contratada possuir conexão à internet de qualidade que suporte a transmissão de dados de áudio e vídeo e equipamentos para participar da videoconferência com qualidade de visualização e captação de áudio e vídeo. Recomendamos que a velocidade contratada seja



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
 Fundada em 22 de setembro de 2008  
 CNPJ 19.407.091/0001-02

de no mínimo 10 megas, uma velocidade inferior pode comprometer a qualidade da transmissão.

18. No caso de videoconferências de grande porte retransmitidas ao vivo via *streaming* (situação 1) e que conectam nos bastidores vários canais de informação, incluindo interpretação de línguas vocais (inglês, espanhol, etc.) é necessária uma sala exclusiva para a interpretação de língua de sinais dentro do *backstage* do evento. *Backstage*, nesse contexto, nomeia os ambientes virtuais de interação de áudio/vídeo/texto que não são transmitidas para o público em geral. Nesse canal, é importante que a imagem dos dois intérpretes esteja disponível 100% do tempo, para que possam se ver e trabalhar em equipe. Na indisponibilidade da sala exclusiva para a interpretação de língua de sinais, a equipe de intérpretes pode utilizar de outras ferramentas/ aplicativos de comunicação, paralelos ao evento, para sua interação via áudio e vídeo.
19. No caso de videoconferências onde temos interação direta com a interpretação da conversa de participantes surdos e ouvintes, ou seja, interpretação de e para a língua de sinais. É necessário que os intérpretes possam visualizar todos os participantes e que a visualização das pessoas surdas participantes seja prioritária, o que possibilita a esses participantes a tomada de turno e participação efetiva com a interpretação para o português de forma imediata, assim como acontece na direção contrária. Na situação do tipo 2, é importante a orientação aos surdos participantes de quando acontecerá a troca de interpretação para que eles possam fixar na sua tela a imagem do intérprete em atuação.
20. Reiteramos que, numa situação de interpretação remota, torna-se indispensável que haja visualização apropriada do máximo de elementos que compõem o evento, tais como: seus participantes, as produções e intervenções em línguas de sinais, a leitura de dados presentes em slides, ou acompanhamento de material visual por compartilhamento de telas.
21. Deste modo, recomendamos o uso de laptops, ou ainda, caso seja possível, monitores auxiliares e/ou TVs de tamanho suficiente a possibilitar a visualização



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
 TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
 Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
 Fundada em 22 de setembro de 2008  
 CNPJ 19.407.091/0001-02

de todos os elementos mencionados, o uso desses recursos pode contribuir de forma positiva a qualidade e realização da interpretação. Além de oferecer uma melhor ergonomia ao propiciar mais conforto na visualização e evitar que o profissional precise se aproximar da tela constantemente para visualizar algo, prejudicando assim, o próprio enquadramento de sua sinalização.

Imagem 3: Opção de uso de monitores maiores para visualização.



22. Especialmente em contextos complexos, deve-se evitar a utilização de aparelhos celulares, pois pela limitação do tamanho da tela, torna-se inviável a visualização dos elementos mencionados, além de que, muitos dos softwares utilizados em sua versão *mobile* limitam automaticamente a quantidade de elementos na tela – sendo possível a visualização somente de um participante por vez.

### III - Enquadramento e interpretação

23. O enquadramento do intérprete é um ponto fundamental da interpretação simultânea remota para a Libras. Pensando na visualidade da língua de sinais e na complementação às orientações dos tópicos 1 e 2, trataremos neste tópico exclusivamente de pontos relacionados ao enquadramento e da exibição da janela de interpretação.
24. A atividade do intérprete em material audiovisual deve seguir as orientações da **Nota Técnica Nº 01/2017**, no que refere à captação de imagem; edição da



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

janela; fundo cores e contrastes; recorte ou *wipe*; edição e exibição da janela de Libras.

25. No entanto, hoje se faz necessário considerar as diferentes configurações e possibilidades de cada ferramenta de transmissão ou plataforma de interação, em cada caso o intérprete deve organizar o ambiente de forma que a exposição da sua imagem seja visível por completo, para tanto, o ajuste no enquadramento no momento da captação em relação a cada tipo de ferramenta ou plataforma é essencial. Recomendamos que o enquadramento seja do topo da cabeça ao nível do cotovelo.
26. É recomendado que a câmera que captura a imagem do intérprete esteja em posição fixa, se possível com um uso de um tripé. Caso seja utilizado um celular que ele esteja na horizontal, modo paisagem. A altura da câmera deve estar entre os olhos e o queixo do intérprete.
27. Sobre o distanciamento do intérprete e da câmera é importante considerar o equipamento que se está utilizando. Se a imagem está sendo capturada por uma *webcam* é importante analisar o distanciamento que o equipamento permite para foco, normalmente é um metro, no entanto, se está sendo usada outra câmera como uma DSLR o distanciamento sugerido é de, no mínimo, um metro e meio.
28. O estilo de linguagem também oferece alguns desafios, na grande parte das situações de interpretação remota o espaço para sinalização é restrito. Portanto, além de considerar a sua capacidade de conectividade à internet. Orientamos que a sinalização seja mais restrita com movimentos menos alongados evitando sair do enquadramento, assim como cuidados com a velocidade na sinalização em relação à qualidade de captação de imagem ou de transmissão de dados.
29. No caso de videoconferências da situação 2, com muitas janelas e interação direta entre os participantes, sempre que houver a troca de turno entre os oradores, é essencial que o intérprete indique nominalmente (se possível) ou demonstre a alternância entre os falantes, pois nessa configuração o participante



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

surdo na maior parte do tempo mantém a atenção fixa no intérprete e não tem condição favorável para perceber a alternância do turno de fala entre os participantes.

#### **IV - Trabalho em equipe**

30. Na situação de interpretação remota as orientações sobre trabalho em equipe seguem as mesmas recomendações do trabalho presencial, ou seja, deve ser previsto no mínimo 2 (dois) intérpretes para videoconferências com duração maior que uma hora de trabalho.
31. Porém, a condição de interpretação remota, reforça-se ainda mais a necessidade de uma equipe, pois as condições de trabalho exigem do profissional a atenção a outros aspectos, tecnológicos, que não são da sua responsabilidade na situação de interpretação presencial. Nesse sentido, recomendamos que o trabalho remoto seja sempre realizado em equipe, ou seja, com no mínimo 2 (dois) intérpretes.
32. Na situação remota, problemas de conexão ou técnicos podem prejudicar a atuação ou a visualização do intérprete, dessa forma, o colega da equipe deve assumir imediatamente a interpretação sem prejuízo para os demais participantes. Em casos em que a atuação é realizada por apenas um profissional, caso ocorra algum problema técnico a continuidade da atividade interpretada pode ser inviabilizada.
33. Algumas combinações entre a equipe de intérpretes são necessárias, principalmente para que a troca de turno se realize de forma discreta e não prejudique o andamento da atividade que está sendo interpretada. Algumas plataformas permitem o envio de mensagens privadas, essa pode ser uma possibilidade de comunicação entre os intérpretes e a equipe técnica. O colega que não está na função de apoio pode avisar que vai ocorrer a troca de turno de interpretação por meio de uma mensagem de texto privada pelo chat da plataforma de interação, ou também realizar uma ligação ou chamada de áudio no celular do intérprete em ação apenas para indicar que está no momento de troca de funções de turno e apoio.



FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

34. A equipe de intérpretes pode utilizar de outras ferramentas/ aplicativos de comunicação, paralelos ao evento, para sua interação via áudio e vídeo. Importante que comuniquem aos participantes e utilizem esse espaço exclusivamente para a comunicação entre a equipe e uso de estratégias de apoio.
35. Outras combinações devem ser realizadas pela equipe de trabalho, principalmente analisando os fluxos e direções da interpretação. Em alguns contextos uma divisão da equipe quanto à direção da interpretação pode ser produtiva, nesse caso, alguns membros da equipe de intérpretes se concentra na interpretação para a língua de sinais e outros na língua vocal.

#### **V - Confidencialidade**

36. Na atividade de interpretação simultânea remota o profissional deve manter os mesmos princípios da atividade presencial conforme o **Código de Ética – Febrapils**.
37. Em ambiente residencial, as questões de confidencialidade devem ser observadas com bastante atenção, pois ali circulam pessoas que não estão autorizadas ao acesso às informações relacionadas ao trabalho. Essa atenção diz respeito à circulação de documentos escritos, material audiovisual e ao reconhecimento de pessoas participantes das videoconferências interpretadas.
38. Nesse sentido, a atenção aos aspectos éticos e de confidencialidade deve ser redobrada e a conduta ética se estende às pessoas que inevitavelmente compartilham o ambiente de trabalho de *home office*.
39. É comum nessa situação de trabalho remoto a solicitação de assinatura de um termo de confidencialidade, a fim de garantir às partes o sigilo referente às informações disponibilizadas via texto escrito, áudio e vídeo.





FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS  
Filiada à WASLI – World Association of Sign Language Interpreters  
Fundada em 22 de setembro de 2008  
CNPJ 19.407.091/0001-02

### **Conclusão**

40. Por fim, conforme exposto, aspectos relacionados ao local para a realização do trabalho, conectividade, equipamentos adequados, atenção para o enquadramento e visualização da interpretação, trabalho em equipe e confidencialidade são itens essenciais para a realização da interpretação em contexto remoto. A atenção para as recomendações apresentadas nesse documento pode cooperar para realização de uma atividade de interpretação adequada.

Essa nota técnica foi construída a cargo da Diretoria de articulação política da Febrapils, com a colaboração de:

Me. Tiago Coimbra Nogueira- Febrapils/ UFRGS Me.

Vânia de Aquino Albres Santiago- PUC-SP Bel. Tom Mim

Alves- IFSC

Me. Fernando de Carvalho Parente Jr. Febrapils/UFC Me.

Raphael Pereira dos Anjos Febrapils/UNB